

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

A VISÃO DOS VENCIDOS DA AMÉRICA LATINA

Fiorelo Collet

Goiânia
2001

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

A VISÃO DOS VENCIDOS DA AMÉRICA LATINA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Religião, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás.

Autor: Fiorelo Collet

**Orientadora: Prof^a Dr^a Irene Dias de Oliveira
Cezne**

Goiânia
2001

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM
13 DE AGOSTO DE 2001
E APROVADA COM A NOTA 7,5 (SETE INTEIROS E CINCO DÉCIMOS)
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dra. Irene Dias de Oliveira Cezne / UCG (Presidente)_____

2) Dr. Sérgio de Araújo / UCG (Membro)_____

3) Dra. Maria Teresa Lousa da Fonseca / UFG (Membro)_____

Dedico aos meus queridos pais Ângelo e
Eugênio Collet e Amábile Collet em
memória

AGRADECIMENTO

Por tudo o que fez na orientação da dissertação, quero agradecer de todo o coração à Prof^a Dr^a Irene de Oliveira. Agradeço de modo especial pela paciência em corrigir os meus erros, a competência, as luzes que me conduziram até o fim.

Agradeço a todos os professores que no decorrer de um ano ministraram sábias aulas.

E à Banca Examinadora por se fazer presente lhes digo: que Deus lhes pague.

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
Prefácio	09
Introdução	10
CAPÍTULO I	
Vencidos e Vencedores – descrição histórica e etnográfica	13
1) Os povos vencidos	13
1.1) Os astecas	15
1.1.1) Os elementos culturais	15
1.1.2) A religiosidade asteca	17
1.1.3) Escrita, literatura, educação e arte asteca	20
1.2) O povo maia	23
1.2.1) A religião maia	27
1.2.2) Os elementos artísticos dos maias	28
1.3) Descrição do povo inca	29
1.3.1) O avanço inca	32
1.3.2) A questão agrária	33
1.3.3) A escrita	34
2) Descrição histórica dos povos “vencedores”	37
2.1) Os “vencedores” e a aniquilação da identidade e da cultura dos povos vencidos	48

CAPÍTULO II

A emergência dos profetas dos povos vencidos na América

Uma leitura sociológica	55
1) Uma aproximação do contexto de dominação a partir dos relatos históricos	55
2) A função social da profecia	71
3) Algumas referências históricas de profetismo na América Latina	82
3.1) Frei Anton de Montesinos e Frei Pedro de Córdoba	82
3.1.1.) Os dois sermões de Frei Antón	83
3.2) Bartolomeu de Las Casas	88
3.2.1) O conteúdo da profecia em Las Casas	93
3.3) Antonio de Valdivieso	96
3.4) Juanl del Vale	98
3.5) Agustin de La Coruña	101
3.6) Frei Tomaz de Ortiz	102
3.7) Cristobal de Pedroza	103
3.8) Pablo del Torres	104
3.9) Toríbio de Mogrovejo	105
3.10) São Francisco Solano	108
4) O elemento religioso como fator de resistência para os profetas vencidos	108

CONCLUSÃO 113

BIBLIOGRAFIA GERAL 115

RESUMO

COLLET, Fiorelo. *A visão dos vencidos da América Latina*. Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, 2001.

O tema que escolhemos para a dissertação de mestrado é a visão que os vencidos povos ameríndios tiveram após a invasão dos conquistadores ibéricos. Para a consecução deste objetivo selecionamos alguns relatos dos povos astecas, maias e incas onde eles manifestaram sua esmagadora derrota. E, para compreender melhor a situação a que foram reduzidos, ressaltamos, sucintamente, as principais características destes três importantes povos das Américas. Estudamos a cultura deles, sua religião, suas artes, sua escrita, sua educação, sua literatura e sua arquitetura. Nessas características aparece a grandeza destes três povos e em seus relatos, após serem vencidos pelos conquistadores, aparece a pungente realidade a que foram reduzidos. Os ibéricos tentaram, após 'guerras santas e justas', impor uma nova cultura, uma nova religião que levaram os sábios indígenas a pedirem a morte que sofreram a perda de sua identidade. Mas, nem tudo foi negativo na vinda dos ibéricos. Junto com eles vieram alguns autênticos profetas que se colocaram na defesa dos índios e deram sua vida em favor dos povos ameríndios.

ABSTRACT

The theme chosen for this Master's thesis is the vision that the vanquished Amerindian peoples had after the invasion of the Iberian conquerors. To achieve this objective, some reports were chosen from the Aztec, Maya and Inca peoples in which their overwhelming defeat was shown. And in order to better understand the situation to which they were reduced, the principal characteristics of these three important peoples of the Americas are succinctly emphasized. Their culture, religion, art, writing, education, literature and education are studied. The grandeur of these three peoples becomes evident in these characteristics, and, in their stories, the pungent reality to which they had been reduced, after being vanquished by their conquerors, appears. After 'holy and just wars' the Iberians tried to impose a new culture and a new religion, which led the wise Indians, after suffering the loss of their identity, to seek death. But not everything can be considered negative about the arrival of the Iberians. Along with them, came some authentic prophets who took the side of the Indians, giving their lives to the service of the Amerindian peoples.

PREFÁCIO

Há razões que emergem profundamente da subjetividade que trago ao longo da história de vida pessoal e que constituíram e ainda constituem as motivações essenciais que nos conduziram à opção por este tema. Tive o privilégio de percorrer todos os países da América do Sul, todos os países da América Central e grande parte da América do Norte. Experiencie a história dos ameríndios. Criei laços de solidariedade com os povos ameríndios de nossos dias. Dialoguei com centenas de indígenas sofridos ainda hoje. Mergulhei em suas raízes estudando seus monumentos, sua escrita, sua cultura, sua religião. Aprendi com eles um pouco de sua esquecida história. Percebi sua resistência às investidas daqueles que não conseguiram derrotá-los por completo. É verdade que muitos povos, culturas, línguas, deuses desapareceram. Mas, muitos povos ainda continuam lutando bravamente para que suas vidas e dignidades sejam respeitadas.

Devo, aqui, agradecer de modo especial à Prof^a Dr^a Irene Dias de Oliveira Cezne, que, com muita paciência e competência, me guiou pelos caminhos difíceis da elaboração desta pesquisa. Pela sua dedicação e pelas luzes que acendeu na minha caminhada, fico-lhe imensamente grato.

A Comissão de Estudos da História Latino Americana (CEHILA) e outros autores publicaram a maior parte dos relatos dos povos vencidos das Américas. Nesta pesquisa, o enfoque central é de cunho interpretativo e, por vezes, crítico desta da história latino-americana, escrita pelos que chamamos de vencedores, os povos que dominaram os ameríndios.

A inspiração que norteia nossos posicionamentos nesta pesquisa é o pobre, o vencido. A partir do lugar daquele e de sua categorização sociológica, apresento ao prezado leitor o rosto desfigurado da ameríndia e de seus defensores: os profetas vencidos.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata sobre os povos habitantes da América Latina, em especial os astecas, maias, incas e o imenso contingente populacional de indígenas que por aqui habitavam no início do processo de colonização. Aproxima-se da tentativa de explicitar a relação de forças que historicamente marcou o continente latino-americano: de um lado os defensores, que denominamos de profetas dos povos que foram considerados como “vencidos” em decorrência da vinda dos povos ibéricos no processo de colonização das Américas, aqui categorizados como “vencedores”..

Discutimos, nesta pesquisa, o significado da presença dos povos ibéricos na América Latina, sobretudo tentando elucidar que esta “invasão” representou para os povos nativos, em grande parte, um denso e sofrido processo de aculturação, de perda de identidade e da constante ameaça de cerceamento à liberdade para milhões de indígenas e outros povos.

Nossa pesquisa não acentua apenas a dimensão histórica ou a etnografia desses povos. O método adotado vai além da análise do discurso histórico e busca a discussão de natureza sociológica destes povos, sobretudo, a partir da análise de seus relatos históricos.

A questão central que buscamos defender e compreender está na elucidação das motivações reais da vinda dos colonizadores ibéricos para cá, fato que causou a morte de milhões de índios e que destruiu em grande parte suas culturas, suas religiões, suas tradições e quase todas suas terras. Nossa pesquisa pretende demonstrar a presença e a atuação de pessoas que se colocaram na defesa destes povos, que aqui os denominamos de profetas, buscando, para além do significado bíblico da expressão, tecer uma compreensão predominantemente de natureza sociológica desta expressão.

Para tanto, utilizaremos os relatos dos índios e dos profetas, elucidando o choque de culturas que marcou nosso processo de colonização. Tentaremos demonstrar no decorrer da pesquisa sobre os povos vencidos da América que os invasores trouxeram uma cultura dominante para os nativos, muitas vezes escamoteada no conteúdo de suas ações religiosas e de seus discursos teológicos. O eixo fundamental que sustenta nossa análise, entretanto, é construído a partir dos autores da Sociologia da Religião, ainda que, em vários momentos, solidificamos este eixo a partir das contribuições de autores da Teologia Latino-Americana e de um grande número de historiadores, como forma de, interdisciplinarmente, buscarmos contribuições que sustentem nossos posicionamentos e a candência do tema.

A fonte principal de nossa pesquisa, portanto, é bibliográfica. E, secundariamente, entram nossas experiências e longas caminhadas pelos continentes americanos. Como dissemos, o referencial teórico foi uma recorrência a autores relacionados à Filosofia, à Sociologia da Religião, à Antropologia, tais como Enrique Dussel, Carlos Brandão, Roberto Cardoso de Oliveira, Pierre Bourdieu, Roque de Barros Laraia, Edward Tylor, Max Weber. Estes teóricos lançam luzes sobre categorias com as quais trabalhamos nesta pesquisa, tais como cultura, identidade, religião, profeta e eclesiologia na Cristandade.

Apresentaremos uma visão sucinta sobre as principais características dos três povos escolhidos a serem estudados a partir de seus relatos: os astecas, os maias e os incas. Também caracterizaremos os povos ibéricos na tentativa de definir os traços marcantes de um cristianismo expansionista e empreendedorista que marcou sobremaneira os quinhentos primeiros anos de “invasão” e presença dos colonizadores nas terras da latino-américa.

Para uma melhor compreensão das análises que aqui teremos, faz-se necessário um aprofundamento teórico dos conceitos com os quais

trabalharemos ao longo da nossa reflexão. As teorias abordadas a seguir vão nos iluminar no sentido de oferecer-nos o suporte necessário para a compreensão da “*dominação do outro*”¹ por meio da cultura e da religião. Sabemos que para a cultura a religião constitui um elemento central pois “*a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo*”². Uma vez que a cultura dos povos indígenas é permeada pelo sagrado e os símbolos religiosos plasmam o mundo no qual eles se identificam, faz-se necessário compreender como se dá a identidade de um povo e como a religião, no caso dos povos maias, astecas e incas, constitui elemento altamente significativo para podermos analisar o que significa para tais povos a perda de sua cultura e de sua identidade a contato com os povos ibéricos³.

¹ Sobre a subordinação de pessoas e grupos, em sociologia, por via do dominação, leia o excelente capítulo terceiro da obra intitulada “*Sociologia*”, de autoria de George Simmel. Edizione di Comunità, Torino-Itália, 1998, p. 117-212.

² Berger, 1985, p. 41.

³ Neste sentido, vale sublinhar a brilhante intuição de Levi-Strauss, no livro “*A obra de Marcel Mauss*”, quando afirma: “*para compreender um fato social convenientemente, isto é, de fora como uma coisa (...), parte integrante, a apreensão subjetiva*”, Joachim WACH, *Sociologia da Religião*. Ed. Paulinas, São Paulo, 1990, p.5.

CAPÍTULO I

VENCIDOS E VENCEDORES

DESCRIÇÃO HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA

A história remonta pouco mais de 500 anos. Um choque causado nas culturas ameríndias foi a Bula “*Romanus Pontifex*”, assinada pelo Papa Nicolau V, em 8 de janeiro de 1454. Esta Bula concedia ou delegava todos os poderes que se arrogava como representante de Deus aos reis de Portugal e de Espanha para a invasão, a conquista, ou mesmo “*subjugar quaisquer sarracenos e pagãos*”, considerados como sendo “*inimigos de Cristo*”, bem como todas as suas terras e bens, reduzindo todos à servidão. Determina a Bula: “*e se alguém infringir estas determinações, seja excomungado, só podendo ser absolvido se, satisfeito o Rei Afonso e seus sucessores ou o Infante, eles nisso concordarem*”.

1) OS POVOS VENCIDOS

A história confirma as conquistas dos ibéricos e a redução dos povos ameríndios à servidão e perdendo quase todos os seus bens materiais, culturais e religiosos. Tanto foi assim que o Papa Paulo III interviu com uma Bula em 1537 defendendo a vida e a liberdade dos índios pois eles “*eram verdadeiramente homens*”. Os espanhóis os haviam reduzido à escravidão e lhes negaram a dignidade de serem pessoas humanas.

Inicialmente os conquistadores invadiram “*La Española*” que a tornaram terra arrasada. Logo adiante citaremos os primeiros profetas vencidos das Américas que clamam no deserto vazio das consciências dos espanhóis.

Apresentaremos, brevemente, traços da cultura das três principais civilizações latino-americanas anteriores às invasões que são os astecas ou

mexicas, os maias e os incas. Além destes povos poderíamos salientar os chibchas, ao norte da América do Sul e parte da América Central; os aimaras na Bolívia onde construíram o monumental centro cultural que é Tiahuanaco, hoje, infelizmente, com seus monumentos e pirâmides destruídas. As principais pirâmides foram a de Akapana e Puma-Punku. Grandiosa é a chamada: “Puerta del Sol” que tem “*dez toneladas e três metros de altura por três metros e setenta e cinco de largura, talhada num só bloco de andesita*”⁴. Este mesmo autor diz que “*foram encontradas valiosíssimas peças de cerâmica e de bronze*”⁵.

Os incas ao conquistarem os aimaras, assimilam sua tecnologia e arquitetura e também a arte de conservar alimentos por diversos anos segundo as necessidades dos tempos. Na meso-américa, os astecas, ao chegarem ao lago Texcoco, foram considerados como bárbaros vindos do norte. Mas, aos poucos foram assimilando a cultura, as ciências, a tecnologia dos maias dos olmecas, dos toltecas e de modo especial dos teotihuacanos⁶.

Em Teotihuacan encontram-se magníficos monumentos: Pirâmides, palácios, avenidas, praças, pinturas etc. Teotihuacan, a cidade dos deuses, fora abandonada ou saqueada. Ao descerem do norte os astecas passaram pelas ruínas da grandiosa Teotihuacan. Mas, assim mesmo os astecas vão à cidade dos deuses para aprender a técnica das pirâmides, dos palácios, esculturas, pinturas, cerâmica etc. Portanto, a cultura teotihuacana se faz presente na sua orgulhosa e magnífica Tenochtitlan.

Também a cultura de Tula se faz presente na vida dos astecas. Os toltecas eram admirados pelos astecas por sua alta cultura, artes, música, escultura. Os toltecas era um povo nobre e culto. Por tudo isto os astecas o admiravam e assimilavam as técnicas e culturas.

⁴ Batista., 1975, p. 28.

⁵ Id. Ibid., p. 28.

⁶ Sobre o Império Tolteca, decaído em 1224 a.C., veja uma importante síntese histórica publicada por Jorge Luiz Ferreira, sob o título “*Incas e astecas: culturas pré-colombianas*” (Ed. Ática, São Paulo, 1995).

Outro povo muito culto que influenciou na cultura asteca foi o povo olmeca. Habitavam na região de Veracruz e ao norte do Estado de Tabasco. Durante séculos “desenvolveram uma extraordinária cultura tida como a mais antiga da Mesoamérica: mãe da cultura teotihuacana, maia, totonaca e outras”⁷. A principal referência cultural olmeca está em “la Venta” e lá, mas, também em outros lugares, encontram-se as monumentais cabeças, estruturadas e concebidas como blocos compactos, segundo descreve Meggers, “*como uma massa cúbica geométrica na qual o contorno não se interrompe jamais*”.

Quanto aos maias, também sofreram influências culturais de outros povos. Como dissemos acima, os olmecas se fizeram presentes na arte, na escultura dos maias. Os teotihuacanos também deixam sinais visíveis nas artes maias; o famoso Quetzalcoatl ou a serpente de plumas preciosas que se encontra na escultura maia.

Grande influência exerceram os toltecas, habitantes de Tula, nos monumentos, pirâmides, palácios dos maias, pois, eles pré-existiram aos maias e ainda hoje são conhecidos como povo artista, com uma cultura refinada, com boas maneiras, e muito nobreza.

1.1) OS ASTECAS

1.1.1) ELEMENTOS CULTURAIS

Vimos, sucintamente alguns povos que influenciaram decisivamente na cultura dos astecas, maias e incas. Estes assimilaram outras culturas e assim evoluíram mais rapidamente que os demais povos ameríndios.

São muitos os autores que aprofundaram a vida e a cultura dos astecas. No decorrer da nossa pesquisa iremos citar alguns dos mais

⁷ Meggers, 1979, .p. 78.

importantes. Diz-nos Wolf que os astecas assim foram chamados por ter sua procedência mítica de Aztlán, Chichimecas de Aztlan. Também, são chamados de tenochca ou mexica. Este povo levou o militarismo ao apogeu e dominou a maior parte da Mesoamérica. No início, ao chegarem no vale do México, foram chamados de bárbaros. Fundaram, junto ao lago de Texcoco, uma majestosa capital: Tenochtitlan. Calcula-se que foi pelo século XIII que chegaram junto às terras pantanosas do lago de Texcoco. Quem ordenou que se fixassem ali foi o deus Colibri Zurdo, pois, diz a lenda que deveriam estabelecer-se onde encontrassem uma águia, sobre um nopal, devorando uma serpente. E, foi precisamente ali, junto ao lago que os intrépidos méxicas construíram um grande império⁸.

“O centro do império asteca (como dissemos) era sua imponente capital Tenochtitlan, uma cidade de canais, praças e mercados, pirâmides, templos, palácios, lojas e residências, que começou numa ilha no lago Texcoco. Na época da conquista espanhola, ela era uma orgulhosa metrópole de 200.000 habitantes”⁹.

O conquistador e escritor Bernal Diaz del Castilho registrou que mesmo aqueles que estiveram em Roma ou Constantinopla afirmam a grandeza da cidade e de sua população. Castilho continua dizendo:

“Nesta grande cidade (...) as casas se erguiam separadamente umas das outras, comunicando-se somente por pequenas pontes elevadiças e por canoas... e tudo caiado de branco e magnificamente brilhantes(...) quando lá chegamos, ficamos

⁸ Wolf, Eric. **Pueblos y culturas de Mesoamérica**. Trad. de Felipe Sarábia. Ediciones Era. 7ª edição, 1982. México, p. 121.

⁹ Meggers, 1979, p. 96.

atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como a vasta quantidade de mercadoria... Os artigos consistiam em ouro, prata, jóias, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de junta, grande número de escravos, homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras, a longos paus. O mercado de carne vendia aves domésticas, caça e cachorros. Vegetais, frutas, comida preparada, sal, pão, mel e massas doces, móveis, papel, machados de cobre, instrumentos de trabalho... E, toda a praça estava cercada de armazéns e lojas”¹⁰.

Quanto aos escravos, os astecas sempre os possuíam. Eram adquiridos por conquistas ou mesmo entre si, os devedores, às vezes, pagavam com entes familiares. Todos os dias sacrificavam aos seus deuses escravos. E, quando não os possuíam realizavam as guerras “floridas”, para capturar soldados, valentes guerreiros e oferecê-los aos seus deuses. A principal guerra florida era contra os tlaxcaltecas, povo também guerreiro que nunca foi submetido pelos astecas¹¹.

1.1.2) A RELIGIOSIDADE ASTECA

A cosmovisão asteca era profundamente envolvida pelos elementos religiosos, justificando e explicando tudo. Os mexicas, por meio das lendas, criavam seus deuses, seus protetores que, às vezes, eram extremamente exigentes e sanguinários¹². A visão cosmológica dos mexicas

¹⁰ Castillo, 1983, pp. 176-178.

¹¹ Guerrero, 1980, p. 38.

¹² Em “*América pré-colombiana*”, Ciro Flamarion S. Cardoso afirma que “*a civilização asteca constituía a síntese das tradições meso-americanas*”. Ed. Brasiliense, Col. Tudo é História, nº 16, 1981, p.n 80.

era a sobrevivência de toda a natureza pela vida de seus deuses que por sua vez dependiam do sangue humano para continuarem a proteger e vivificar tudo o que existia. Morrendo os deuses toda a natureza morreria¹³.

O principal deus asteca era Huitzilopochtli, o consumidor de corações humanos. Esta divindade também era chamada de Colibri feiticeiro ou colibri do sul. Era o deus da guerra e do sol, o deus principal do templo maior de Tecnochtitlan. Guerrero afirma que também a Huitzilopochtli é atribuído o fato de levar ao ridículo o deus Quetzalcóatl embebedando-o. A bebedeira era um crime gravíssimo, com pena de morte. Segundo a narrativa de Guerrero, Quetzalcoatl reconhece seu erro e envergonhado e arrependido joga-se ao fogo para se purificar e se exila, prometendo regressar algum dia e reassumir suas terras.

Percebemos, aqui que a religião para os astecas era o centro de suas atividades, de suas guerras, de sua economia. Otto Maduro afirma que na América pré-colombiana a religião estava entrelaçada com todas as dimensões do agir de seus povos e que os índios tinham uma percepção fundamentalmente religiosa do mundo; a sua cosmovisão criava uma dependência profunda dos deuses.

Os cronistas que pesquisamos comentam sobre o deus Quetzalcoatl, como José Luiz Guerrero dizem que era um deus mítico e divinizado, um deus que instruíra o povo nas artes, criando uma idade de ouro, os frutos da terra cresciam gigantescos, o algodão crescia colorido, e todo o mundo era feliz, sem guerras e nem sacrifícios humanos. Ora, tudo isto desagradava a mentalidade mexica e convinha, então, expulsar aquele deus que não estava de acordo com a vontade dos outros deuses criados por eles.

¹³ Guerrero, 1980, p. 11-12.

Marcou a cultura mexicana a volta vingativa de Quetzalcoatl. Moctezuma e os grandes de Tenochtitlan recebem o invasor Hernán Cortez como se encarnasse o deus Quetzalcoatl. Tudo isto significou uma a destruição para todo o império mexicana.

Antes da conquista, os mexicanos viviam o período do “*quinto sol*”, pois os outros *quatro sois haviam morrido*. E, este sol havia criado os homens. Por isto os astecas se dizem: “*Povo do Sol*”, em razão de que, ao criar novamente o homem, o sol roubou ossos dos antepassados que estavam em Mictlan, o inferno, reduziu-os a pó fino e amassou com seu próprio sangue e desta pasta forjou os homens. Portanto o sangue dos homens, é sangue divino (é sangue do deus Sol, é a jóia líquida, é “*a água preciosa! que por sua vez deve alimentar os deuses, pois, sem o sangue precioso e divino dos homens os deuses morreriam*”. E, morrendo os deuses, toda a criação, todo o universo iria também se extinguiria¹⁴.

Os astecas não se perguntavam se havia coerência nas lendas transmitidas de geração em geração. Pelo contrário, aceitavam tudo para justificar seu espírito guerreiro, pois necessitavam de pessoas humanas para oferecer sangue precioso, divino aos seus deuses. A carne dos sacrifícios humanos era distribuída à população em pequenas porções e todos os que a comessem receberiam as virtudes, as forças, as qualidades da pessoa sacrificada.

Nas atitudes religiosas dos astecas percebemos o que Bourdieu afirma: “*A religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular*”¹⁵. E, os astecas manifestam realmente como a religião cria entre eles modos comportamentais que os diferenciam dos demais povos.

¹⁴ Guerrero, 1980, p. 12

¹⁵ Bourdieu, 1998, p. 46.

Por sua vez o Sol também nasceu em forma virginal, da deusa Tonatzin. Porém, Tonatzin tinha outros filhos que mataram seu irmão o Sol. Este foi socorrido com o sangue dos homens, seus filhos e recuperou a vida e reina glorioso como o Quinto Sol dos mexicas. E, como dissemos, este Quinto Sol sobreviverá até o dia em que for alimentado pelo “*precioso líquido*” que é o sangue humano¹⁶. Giordani cita outros deuses importantes, como *Chicomcoatl*, deus do milho; *Tlaloc*, o deus da chuva; *Coatlicue*, mãe de *Huitzilopochtli*, era a deusa da terra, das flores e exercia a proteção das florestas¹⁷.

É de consenso entre os estudiosos da religião que os mexicas tiveram um deus único, invisível e irrepresentável, cuja morada é o céu e do qual dependem todas as coisas. O Deus do aqui e agora. Que está perto e junto de tudo e de todos e cujo nome era: Tloque Nahuaque¹⁸.

1.1.3) ESCRITA, LITERATURA, EDUCAÇÃO E ARTE ASTECA

Nos manuscritos mexicanos pode-se distinguir desenhos e legendas ou comentários escritos em sinais figurativos que podem ser lidos foneticamente.

Quanto ao sistema de numeração, segundo o mesmo comentarista Fevrier, os astecas contavam por vintenas como nós contamos por dezenas. Anotavam os números de 1 a 19 por meio de pontos e o número era expresso por uma bandeira¹⁹.

A literatura asteca era abundante e variada. Os livros, comenta Soustelle, revestiam uma grande importância aos olhos dos antigos mexicanos. Os templos, os *calmecac* (colégios), as casas dos dignatários possuíam ricas bibliotecas. A profissão de pintor-escriva era particularmente

¹⁶ Guerrero, 1980, p. 12.

¹⁷ Giordani, 1991. P. 171.

¹⁸ Fraus, Ap. Giordani, op. cit, p. 171.

¹⁹ Fevrier, James. *Histoire de l'écriture*. Ap. Giordani, op. cit., p. 166.

estimada. Alguns livros tratavam de assuntos religiosos e rituais enquanto outros relatavam migrações, fundação de cidades, a origem e história das dinastias, “*as façanhas de certos heróis*”²⁰.

A língua oficial dos mexicas era o *nahuatl* que significa nítido, eufônico, harmonioso. Para os mexicas as outras línguas eram bárbaras e malsonantes. A língua nahuatl era um instrumento de primeira grandeza para a literatura mexica. Hoje, a humanidade conserva, infelizmente, apenas alguns códices mexicas.

Os astecas manifestam através da escrita e da literatura um alto grau de evolução no campo da letras e de sua cultura. Entendemos, aqui, como cultura toda manifestação humana, pois, como diz Edward Tylor a cultura inclui conhecimentos, artes, hábitos ou qualquer outra capacidade²¹. E, os astecas tinham capacidades por meio das quais se comunicavam através da escrita e da literatura.

A Educação mexicana era severa, com muita disciplina. O grande objetivo era formar valentes guerreiros. Até aos 15 anos os meninos eram confiados ao pai e as meninas à mãe. Nas faltas, as crianças eram submetidas a severos castigos. Após os 15 anos os jovens podiam entrar no calmecac (colégio) sob a orientação de mestres escolhidos. Giordani afirma que nas casas de formação de jovens também se formavam os futuros sacerdotes e altos dignatários do Estado, e guerreiros.

Segundo analisa Giordani, a Educação era rigorosa e abrangia o autocontrole, a “*resistência às paixões*”, a boa linguagem, o bom comportamento, os cânticos religiosos, a astronomia, a contagem dos anos, etc²². Além dos calmecac, existiam outras casas de formação para agricultores, serviços públicos, reparação de canais, etc.

²⁰ Soustelle, Jacques. *Les Azteques*. Ap. Giordani, op. cit., p. 167.

²¹ Tylor, in Laraia, 1986, p. 25.

²² Giordani, 1991, p. 169.

Como já vimos, os mexicas foram herdeiros de um longo passado, especialmente do passado dos toltecas, maias e Theotiuacanos. Além da capacidade de assimilação das culturas e artes de muitos povos, os astecas também souberam ser criativos nas artes. Em seus monumentos, pirâmides, palácios aparece a arte, o estilo, a pintura própria dos mexicas. Imprimiram o selo de sua originalidade. Manifestaram um gosto refinado, um grande amor à natureza, etc. Frank da Costa nos diz que os mexicas “*apreciavam as artes visuais, os belos livros iluminados, a música, a dança, o canto, a poesia, a oratória, as boas maneiras, a polidez minuciosa*”²³.

Frau descreve a famosa “*Pedra do Sol*”:

*“É um monólito de grandes dimensões que pesa mais de 24 mil quilogramas. Sua parte superior, circular, está cheia de figuras esculpidas que representam o Sol (figura central), as quatro idades que existiram antes da atual (segundo círculo) e que foram destruídas por joguares, furacões, fogo, inundações. Seguem (terceiro círculo) os vinte signos dos dias astecas e várias outras representações mitológicas. O círculo extenso representa duas grandes serpentes que simbolizam o universo”*²⁴.

Os mexicas, antes da conquista, partiram do norte e enfrentaram diversos povos até conseguir encontrar uma águia devorando uma serpente. E foi justamente no lago de Texcoco que eles fixaram seu modo de viver. Guiados pelos deuses que criaram segundo seus interesses construíram um vasto império conquistado pela força das armas. Sua característica fundamental era de ser um povo guerreiro e sanguinário à exigência e sobrevivência de seus deuses e de suas lendas.

²³ Costa, Frank da. *Evolução Cultural da América Pré-Colombiana*. Ap. Giordani, op. cit, p. 161.

²⁴ Fraus, *ibid.*, p. 438.

Desenvolveram as ciências e artes a um alto grau ajudados pelos povos que os precederam como os toltecas, olmecas, maias e teotihuacanos e outros.

1.2) O POVO MAIA

Os maias sempre foram considerados como um povo de cultura privilegiada. Não faltam autores que os qualificam como tendo a mais importante cultura, a mais desenvolvida da Mesoamérica, pois alcançaram notáveis avanços na matemática, astronomia, cronologia e nas artes foram os que mais evoluíram. Eles “*se estabeleceram num vasto território de uns 325.000 km². Hoje são os Estados do México: Yucatán, Campeche, Quintana Roo, Tabasco, e a metade Oriental de Chiapas. Também a maior parte da Guatemala, Belice; parte de Honduras e El Salvador*”²⁵.

Sodi afirma que os maias estavam integrados em vários grupos mas que se aproximam na mesma filiação étnica; com traços físicos mais ou menos semelhantes. Falavam diversas línguas mas pertencentes a um tronco único. As principais línguas ou dialetos eram quiché, chol e a língua maia de Yucatan.

Os antropólogos afirmam que uma característica que manifesta a identidade étnica é a língua falada numa região embora entre os diversos grupos existam diferenciações. Por isto, acertadamente, Cardoso relata em seu livro que a identificação étnica refere-se ao uso que uma pessoa, grupos, tribos fazem de termos raciais, religiosos para se identificar e relacionar-se com os outros²⁶.

Quanto à origem dos maias teriam também eles vindos do norte do continente há mais ou menos 4 mil anos a.C., segundo diversos estudiosos dos maias. Claro, são hipóteses, com uma base nos estudos de arqueologia.

²⁵ Sodi, 1986, pp. 142-143.

²⁶ Cardoso, 1976, p. 3.

Todos os estudiosos admitem a evolução histórica dos maias. Esta evolução é apresentada por uma periodização, abrangendo três épocas: pré-clássica, clássica e pós-clássica.

O período pré-clássico inicia pelo ano 800 a.C. E, pelo ano 200 da era cristã temos o período clássico cuja manifestação é o esplendor arquitetônico de Tikal. Neste tempo da fase clássica dos maias, faz-se presente a influência da majestosa arquitetura teotihuacana. Os maias, porém, não perdem suas características, mas sabem aproveitar a altíssima técnica desenvolvida na cidade dos deuses: Teotihuacan. E, à medida que esta técnica entra em decadência juntamente com os zapotecas e seu monumental Monte Alban, inicia a idade de ouro dos maias com sua cultura própria.

No início do século sétimo Tikal retoma suas atividades monumentais como a construção do primeiro conjunto arquitetônico de pirâmides gêmeas²⁷. Também em Tikal surge uma renovação cultural muito significativa. Há estabilidade econômica e política e que atinge seu apogeu pelos anos 681 a 768. Constroem, neste período o templo IV com 72 metros de altura e seus muros de 12 metros de espessura.

Não só em Tikal, mas em dezenas de outros centros culturais se desenvolvem a arquitetura, a escultura, a pintura, a cerâmica, a astronomia, as matemáticas, a escritura jeroglífica, etc. Ainda hoje, quem percorrer a região dos maias encontrará diversos centros culturais com suas pirâmides, palácios, estelas etc. como em Palanque, Uxmal, Chichen Itzá, Copan, Piedras Negras, etc.

A época pós-clássica ou início da decadência da grandiosa civilização maia inicia pelo século IX da nossa era. Os estudiosos levantam inúmeras hipóteses a respeito do desmoronamento do império maia: as principais causas apontadas seriam: o endurecimento, a ditadura de uma elite,

²⁷ Giordani, 1976, p. 180.

de uma aristocracia que acumula e retém os bens nas mãos de poucos, e o trabalho, o suor, o cultivo da terra nas mãos de muitos; o militarismo crescente e institucionalizado que absorvia grande parte dos bens do povo, guerras, insurreições, revoltas sociais, perda de confiança nos sacerdotes e recusa a pagar tributos aos templos e palácios dos nobres, etc.

Porém, Meggers profunda estudiosa da causa maia afirma ser o fator ecológico que provocou o declínio da civilização maia clássica: a exploração intensiva de recursos de subsistência inadequados, culminando com a exaustão do solo e déficit alimentar, parece ter sido a causa primordial do declínio dessa alta civilização²⁸.

Quanto à organização social dos maias não temos maiores detalhes. Porém, os historiadores e artistas ao analisarem, como afirma Meggers, as pinturas e esculturas dos templos, palácios e pirâmides concluem que os sacerdotes e governantes usavam altos penteados com longas penas de *quetzal* de tonalidade verde-esmeralda, vestes ricamente decoradas, sandálias com intrincadas amarrações, colares, braceletes, pendentes e adornos de orelha, todos de jade. Sentavam-se em troncos cercados de adeptos e movimentavam-se em elaborada liteiras durante as procissões, ao longo das ruas elevadas que ligavam as pirâmides aos palácios²⁹.

Sociologicamente, percebemos a divisão de classes entre os maias. A classe nobre, exploradora e a classe da grande maioria de trabalhadores nas cidades e nos campos.

Ressaltamos também entre os maias o seu “calendário cíclico”, tido como o mais perfeito de todos os calendários até hoje elaborados pelos cientistas astronômicos. A unidade principal era um período de 52 anos, conhecida como o “Calendário Cíclico”. O ano de 365 dias desenvolvia-se

²⁸ Meggers, *ibid.*, p. 88. Pierre Chaunu intitula a civilização maia de “*a mais antiga e a mais refinada*”. O Chaunu é o autor da obra “*História da América Latina*” (Difel Editora, Rio de Janeiro, 1976, p. 18-19).

²⁹ Meggers, *id. Ibid.*, p. 85.

através de 18 meses de 20 dias cada. A adição de 5 dias chamados de *nefastos* (que correspondia a uma época de apreensão, visto não haver certeza que outra volta seria iniciada pelos deuses) no final, resultava numa aproximação aos 365 e um quarto de dias do ano solar, segundo nos narra Meggers. O calendário cíclico requeria 18.980 dias ou 52 anos. Causava apreensão nos maias a celebração dos 52 anos, pois quando isto ocorria, os fogões eram apagados e depois da certeza que o mundo continuaria por mais 52 anos, eram reacesos, os monumentos arquitetônicos erguidos, e as pirâmides alargadas.

Quanto aos números, os maias usavam dois símbolos fundamentais: uma barra valendo cinco e um ponto valendo um. Usavam um sistema vertical de colocação de valores, aumentando vigesimalmente (por múltiplos de vinte) de baixo para cima. “*É interessante lembrar que os maias também inventaram o zero, representado por uma concha de forma convencional*”³⁰. Morley, um dos autores mais estudiosos dos maias, afirma que “*o sistema numérico maia é uma das obras mais brilhantes da inteligência do homem*”³¹.

A unidade do tempo era o dia, chamado de *kin*. A expressão *uinal* representava um conjunto de vinte dias. Já o *tun* correspondia a dezoito *uinal* e equivalia, portanto, a um ano de 360 dias. A estes 360 dias acrescentava-se um *uinal* curto de cinco dias, perfazendo 365 dias. Portanto, vinte *tun* formam um *katun*, ou o equivalente a 7.200 dias. Vinte *katun* formam um Bakum, ou sjea, 144.000 dias.

³⁰ Giordani, op. cit., p. 200.

³¹ Morley, Sylvanus G. *La Civilización Maya*. Ap. Giordani, op. cit., p. 250.

1.2.1) A RELIGIÃO MAIA

Os historiadores pesquisadores da civilização maia apontam a religião como um dos fatores determinantes no ritmo da vida, das relações humanas tanto particulares como públicas manifestadas nos monumentos, pirâmides, palácios etc.,.

A sociologia religiosa dos maias aponta diversos deuses protetores dos campos, da chuva, do milho, da vida, da morte, da guerra. Os principais deuses são³²:

- 1º) *Itzam-Na*: Senhor do céu, da noite e do dia;
- 2º) *Kinik Ahau*, deus-sol,
- 3º) *Ixchel*, deusa-lua;
- 3º) *Chaac*, o deus da chuva;
- 4º) o deus do milho: representado como jovem;
- 5º) *Ah Puch*: deus da morte. Tratava-se de uma divindade malévola;
- 6º) *Ek Chuah*, o deus da guerra.

A criação de todos estes deuses demonstra claramente como a religião envolvia toda a natureza e todas as atividades dos maias. Maduro afirma peremptoriamente que os povos da América tinham uma profunda percepção religiosa do mundo e que toda a comunidade indígena tinha seu sistema religioso próprio³³.

É marcante a presença dos toltecas em Chichen-Itzá com sua arte, mas também quanto à religiosidade introduziram o sacrifício de corações. Mas, mesmo antes da presença tolteca, os maias, havia séculos, praticavam o sacrifício humano mediante a decapitação. Tanto Hammond como Morley afirmam que os sacrifícios humanos são feitos de várias maneiras, como a extração do coração³⁴. Outros tipos de sacrifícios,

³² Giordani, 1991, p. 203.

³³ Maduro, 1981, p. 85.

³⁴ Morley, Apud Giordani, op. cit., p. 266.

acrescenta Lehman, eram as ofertas de alimentos, de animais ou de objetos preciosos³⁵.

Significativo na religião maia é também o jogo de bola, chamado, na língua nativa, “*de la pelota*”, como diziam os cronistas espanhóis. Quem, hoje, visita os conjuntos arquitetônicos da região maia, vê os campos onde se praticava o jogo de bola. Os cronistas afirmam que a bola podia ser batida somente com as ancas, coxas, cotovelos, mas não com os pés. A bola devia passar por uma argola de pedra. A bola era de borracha maciça. Quem ganhasse o jogo podia sacrificar a um ou mais membros dos perdedores cortando-lhes a cabeça³⁶.

1.2.2) OS ELEMENTOS ARTÍSTICOS DOS MAIAS

As artes maias manifestam uma das civilizações mais brilhantes dos povos indígenas de todo o mundo. Algumas obras dos maias se tornaram as mais notáveis e admiradas de todos os tempos. Sua imponente arquitetura: o conjunto arquitetônico de edifícios públicos, templos, adoratórios, palácios, pirâmides, mosteiros, jogos de bola, observatórios astronômicos, plataformas para festas, pátios e praças, tudo fala bem alto da capacidade imbatível dos maias.

Também confirmam sua evolução na arte da escultura e a abundância de cerâmicas decorativas. Quanto à altíssima técnica da famosa abóbada-falsa, Lehmann observa que limitaram-se a construir dois muros opostos de espessura crescente e aproximando-se um do outro pelo alto, até que uma pedra fosse suficiente para fechar a abertura³⁷.

³⁵ Lehmann. *Les Civilisations Precolombiennes*. Ap. Giordani, op. cit, p 204.

³⁶ Giordani, 1991, pp. 204- 205.

³⁷ Id. Ibid, 1991, p. 194.

Já citamos os grandes centros arquitetônicos. Queremos, agora ressaltar Chichen-Itzá onde se encontram grandes templos-pirâmides como “*El Castillo*” e o “*Templo dos Guerreiros*” com suas colunas de serpentes emplumadas que atestam a presença da arte e religiosidade mexicanas e toltecas. Mas, para a ciência astronômica, a mais importante construção é o *El Caracol*, um observatório astronômico, constituído por uma torre de 12,50 m. de altura e dois terraços retangulares, um sobre o outro e que juntos medem 9.50 m de altura. *El Caracol* tem uma escada em caracol que dá acesso a uma pequena câmara de observação³⁸. Por meio deste observatório os maias alcançaram uma extraordinária precisão em seu calendário e no controle dos fenômenos da astronomia.

1.3) DESCRIÇÃO DO POVO INCA

Os estudiosos deste povo são unânimes em afirmar que foi um povo de uma incomparável organização política, social e econômica.

Quanto à sua origem ninguém tem clareza ou dados científicos que provem o começo do povo Inca. Todas as tentativas perdem-se nas fábulas que eles, os incas criaram. O próprio Garcilaso de la Vega, filho de Inca, em seu livro “O Universo Incaico”, não clareia a origem de seu povo.

Garcilaso quando jovem e vivendo com seu povo perguntou a um tio-Inca para que lhe narrasse a história de seu povo. O tio lhe disse:

“Nosso pai o Sol, vendo os homens como te disse, (viviam como animais e veados monteses) apiedou-se e teve pena deles, e enviou do céu à terra um filho e uma filha dos seus para que os doutrinasse no conhecimento de nosso pai o Sol, para que o adorassem e o tivessem pro seu deus, e para que lhes dessem

³⁸ Id. Ibid., p. 196.

*preceitos e leis em que vivessem como homens em casas e cidades povoadas, soubessem lavrar as terras... criar rebanhos e gozar deles e dos frutos da terra, como homens racionais, e não como bestas (...)*³⁹.

Na narrativa de Garcilaso⁴⁰, estes dois filhos do Sol foram colocados no lago Titicaca e o Sol lhes deu uma barra de ouro que devia ser fincada na terra onde deviam se estabelecer. Saíram do lago e caminharam rumo ao norte até chegaram no cerro Huanacauri que fica ao sul da cidade de Cuzco. Os dois filhos do Sol iniciaram convidando o povo para Cuzco e instruindo-o conforme as orientações do deus sol. Muitos ouviram sua voz e assim começou a capital majestosa de Cuzco que em língua quichua significa centro do mundo ou seu umbigo.

Garcilaso refere-se a mais duas fábulas a respeito da origem das incas. Mas, há concordância em se dizer que o primeiro grande rei o imperador foi Manco Capac e que dele descendem os demais reis incas. E, a mulher de Manco Capac era sua irmã, ambos filhos do Sol. Por isto todo o inca, todo o povo se dizia filho do Sol. É o povo do Sol. O nome da mulher era *Mama Ocllo*.

Manco Capac, o primeiro Grande Príncipe na história dos incas, criou leis severas, como a pena de morte, para os adúlteros, homicidas e ladrões. Mais tarde serão condenados à forca os preguiçosos e os mentirosos. Também criou os curacas (caciques) em muitas regiões do império conquistado. Assinalou o lugar para fazer o templo ao deus Sol, seu pai. E, que particularmente, diz Garcilaso, deviam adoração e serviço ao Sol e à Lua por lhes haver enviado dois filhos seus (um homem e uma mulher), pois, “*os filhos do Sol retirou-os da vida selvagem e os reduziu-os à vida humana que*

³⁹ Veja, 1992, pp. 8- 9.

⁴⁰ Vega, 1992, p. 11.

no presente tinham”, segundo Garcilaso. Também Manco Capac mandou construir casa de mulheres (monastério de virgens) para servir ao deus Sol. E, os índios, com simplicidade, creram em tudo o que o Inca lhes disse, pois era filho do deus Sol.

Garcilaso salienta que além do deus sol, lua, terra, os incas “*rastream com lume natural ao verdadeiro sumo Deus e Senhor Nosso que criou o céu e a terra, a que chamaram de Pachacamac*”: Pacha, que significa mundo, universo e *cama*, significativo de animar, o mesmo que alma. Pachacamac quer dizer, por fim, tudo o que dá alma ao mundo universo, na interpretação de Vega.

Os índios incas, no entanto, segundo Garcilaso, tinham este nome em tão grande veneração que não ousaram tomá-lo na boca, e quando lhes era forçoso pronunciá-lo, faziam-no com gestos e mostras de muito acatamento, “*encolhendo os ombros, inclinando a cabeça e todo o corpo, alçando os olhos ao céu e baixando-os para o solo... dando beijos para o ar, que entre os Incas e seus vassallos eram ostentações de suma adoração e reverência*”⁴¹.

Acentua-se aqui o “*desastre humano*”, nos sentidos psicológico e religioso de Frei Vicente de Valverde e do último grande Imperador Inca em Cajamarca. O frade dominicano querendo impor a Atahualpa que Jesus havia criado o mundo, o Inca, segundo narra Garcilaso, respondeu que “*Pachacamac havia criado tudo o que ali havia*”. O frade, tomado de ira, grita para que o exército espanhol extermine o exército de Atahualpa. E, assim o último grande Inca, em nome de Deus é feito prisioneiro e mais tarde executado.

Os incas distinguiam muito bem o Deus verdadeiro, criador e vivificador de tudo e o diabo que eles chamavam de Zupay e que para nomeá-

⁴¹ Vega, *ibid.*, p. 28.

lo, diz Garcilaso, cuspiam primeiro, em sinal de maldição e abominação e ao Pachacamac nomeavam com adoração.

1.3.1) O AVANÇO INCA

O grande império inca, chamado *Tawantinsuyo*, estendeu-se por vastas regiões que iam bem além do atual Peru. Os incas, valentes guerreiros, conquistaram o atual Equador, a Bolívia, parte do Chile e parte da Argentina.

Para tão grande consecução abriram milhares de quilômetros de estradas, chamadas de “*Caminhos Reais*”. O que facilitava enormemente as comunicações imperiais cuja sede era Cuzco. Garcilaso escreve que ao longo dos caminhos havia os chasqui, postos de chegada e partida. Cada quilômetro e meio aguardavam as mensagens de quatro a seis índios que chegavam e partiam em altíssima velocidade. As mensagens eram por palavras ou por escrito. Tratava-se dos conhecidos “nós”, dados contidos em diferentes fios de diversas cores⁴².

A extensão total da rede viária do Império Inca foi calculada em cerca de 16.000 km, segundo atesta Giordani. Bushnell diz que “*as estradas ziguezagueavam pelas montanhas acima, tornavam-se, algumas vezes, escadas; abriam caminho através de picos e penhascos... venciam pântanos, faziam drenagens; com pontes atravessam rios e vales*”⁴³.

Favre afirma a que rede viária possuía os *Tampus*, algo como tipos albergues. A população local devia provê-las de dois ou três mensageiros que estavam prontos a receber eventuais mensagens e transmiti-las imediatamente aos mensageiros do tampu vizinho. “*Em menos de uma semana a mensagem percorria aproximadamente dois mil km*”⁴⁴.

⁴² Giordani, 1991, p. 219.

⁴³ Bushnell, G.H. *Os Primeiros Americanos*. Ap. Giordani, op. cit, p. 219.

⁴⁴ Favre, *Os Incas*. Trad. de Carmen de S.C. Amaral. Ed. Difel, S. Paulo, 1974, pp. 51-52.

1.3.2) A QUESTÃO AGRÁRIA

Garcilaso diz que no lavrar e no cultivar as terras, “*primeiro lavravam as do Sol*”, e, em seguida, lavraram as terras das viúvas e órfãos e dos impedidos por velhice ou por enfermidade. O autor afirma que a mão-de-obra era apenas para trabalhar para as pessoas necessitadas, aos velhos, enfermos, viúvas e órfãos⁴⁵.

A terra, para os incas era uma mãe: Pachamama que eles amavam e respeitavam e que a cultivavam ao máximo principalmente nos vales. Mas, também sabiam usar uma altíssima técnica na construção dos terraços que trepavam montanhas acima. Eram

*“sustentados por muretas de altura variável segundo o declive do terreno e combinavam perfeitamente com as curvas de nível sobre vários quilômetros. Os canais recolhiam as águas das eternas geleiras da cordilheira branca dos Andes, e eram distribuídas de tal sorte que todos os terraços eram uniformemente irrigados”*⁴⁶.

Em todo o império os incas construíram armazéns para estocar alimentos. Os incas usavam altas tecnologias para imunizar os alimentos, principalmente as batatas, o milho, mandioca, amendoim etc. Favre afirma que a principal dessas técnicas consistia em desidratar os tubérculos submetendo-os alternadamente ao calor do sol e ao rigor do gelo no decorrer do inverno austral. Assim reduzidos ao estado de chuño, os excedentes mantinham-se comestíveis durante muitos anos.

⁴⁵ Garcilaso, *ibid.*, p. 76.

⁴⁶ Favre, *ibid.*, p. 40.

1.3.3) A ESCRITA

Queremos ressaltar a escrita dos incas. Diversos estudiosos se ativeram nesta importante arte da comunicação. A escrita era chamada de “*Kipu*”, que Garcilaso afirma significar o ato de *amarrar*. Os índios faziam fios de diversas cores, ou de uma cor só, ou de duas cores ou mais, porque as cores simples e as mescladas tinham todas sua significação própria⁴⁷.

O autor Favre assim descreve o Kipu:

“Constituía-se de um cordão com pouco mais de um metro de comprimento que se mantinha na posição horizontal. Desse cordão pendiam diversas cordinhas com nós torcidos e de cores variadas. Cada cordinha assim diferenciada correspondia a objetos da mesma natureza, enquanto os nós que ela trazia exprimiam o valor numérico desses objetos. Um nó simples representava o número um. Os nós mais grossos correspondiam aos números 2 a 9. O conceito de zero estava subentendido. Segundo a posição dos nós, na parte inferior, média ou superior da cordinha, o número que representassem equiivalia às unidades, dezenas, centenas ou milhares... ..E, para interpretar um Kipu era preciso conhecer o sentido convencional das torções e das cores”⁴⁸.

Também Betty faz referências à escrita incaica dizendo que o Kipu registrava somente números. E, como a ajuda de um código colorido, especialistas eram treinados para memorizar as regiões e os tipos de materiais

⁴⁷ Siegfried Huber chama esta modalidade de escrita de “quipós”: nós em cordas ramificadas para substituir as letras, geralmente conhecida da China Antiga (em “*O segredo dos Incas*”, publicado pela Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1958, p. 15).

⁴⁸ Favre, *ibid.*, pp. 86-87.

tabulados⁴⁹. Em relação à escrita dos incas, Giordani afirma que o sistema de numeração dos incas era decimal, diferente do vigesimal maia. Há outros estudiosos que afirmam ser os Kipu também de caráter narrativo como José da Acosta, Cabello de Balboa, Cobo, Marúa. Porém como vimos acima, os Kipu só se prestavam para manifestar números.

Com os Kipu, os incas registravam quantidades de produtos armazenados; o número de habitantes do Império; a quantidade e tipos de armas; número de soldados; os impostos devidos ao governo; a quantidade de animais, etc⁵⁰.

1.3.4) ARQUITETURA E URBANISMO

Não poderíamos olvidar neste breve estudo sobre os incas, o gigantismo arquitetônico que durante pouco tempo eles ergueram em Cuzco e nos arredores. Os incas foram, sem sombras de dúvidas, os que melhor trabalharam as pedras para construir seus templos, palácios e fortalezas. As mais espetaculares são as de Sacsahuamán em Cuzco e a de Ollantaytambo no vale alto de Urubamba. Ainda hoje os turistas podem contemplar a altíssima tecnologia na construção das fortalezas, templos e palácios⁵¹.

Em Sacsahumán estão algumas pedras que foram arrancadas das rochas e transportadas até a fortaleza que pesam 50, 100 e até 300 toneladas. Paira um grande mistério sobre o transporte e a tecnologia de arrancar e lapidar estes monumentais blocos de pedra pois os incas desconheciam a pólvora e o ferro. Porém sabe-se que usavam o cobre e o bronze e, para polí-las, cuidadosamente, usaram areia úmida. Favre afirma que a disposição das paredes era em blocos poligonais irregulares que se ajustavam perfeitamente, uns aos outros, *“como células de um tecido orgânico, que não era possível*

⁴⁹ Apud Meggers, op cit, p. 121.

⁵⁰ Meggers, 1979, p. 121.

⁵¹ Encontramos uma quantidade razoável de fotografias e desenhos dos povos incas, suas terras, seus lugares sagrados, seus símbolos em *“O segredo dos Incas”*, de autoria de Siegfried Huber.

enfiar uma agulha na sua junção”. Hoje, o visitante de Cuzco ainda poderá ver, numa de suas ruas, a famosa pedra dos 12 ângulos.

Diversos cronistas espanhóis do século XVI descrevem a capital Cuzco como uma imponente cidade. Por exemplo Cieza de León escreve:

“Lá existiam grandes ruas e todas as casas feitas de pedras... habilmente acopladas... lá estava o imponente templo do Sol... que figurava entre os mais ricos em ouro e prata... A construção era de pedra finamente cortada, igualada e acoplada... não havia argamassa de terra ou cal... e as pedras eram tão bem cortadas que não existiam sinais de cimento ou ligas. Em toda a Espanha eu nunca vi nada que possa se comparar a estas paredes... Era um dos mais ricos templos do mundo... Era uma cidade cheia de pessoas estranhas e estrangeiras, pois havia índios do Chile, Pasto, Huancas, Collas, (enfim, de todas as Províncias do imenso Império inca) de tal modo que em meio a centenas de milhares de homens, cada grupo podia ser facilmente reconhecido pelas insignias que usava sobre suas cabeças”⁵².

Giordani também cita Sancho de la Hoz, secretário de Pizarro e cronista oficial da Conquista do Peru que assim descreve Cuzco como cheia de palácios senhoris, já que não existem pobres, segundo a descrição do autor e a maior parte das moradias é feita de pedra, as ruas todas calçadas e cortadas ao meio por um canal de pedra⁵³. Na descrição de Giovani, lá existia um “convento” de mulheres virgens consagradas ao deus sol e mais três grandes

⁵² León, Cieza de. Ap. Meggers, op. cit., p. 124.

⁵³ Hoz, Sancho de la. Ap. Giordani, op. cit, p. 230.

templos: Templo do Sol, do Criador, e o Templo do Trovão. O que mais encantava ao turista era a misteriosa cidade-fortaleza de Machu Pichu, situada no alto de uma montanha, 2.000 metros acima do nível do mar, e cercada por altíssimas montanhas, com sua admirável “Porta do Sol” e seu “Mirador”, o conjunto de habitações, sua torre central e sua praça central, o Templo das Três Janelas, o Templo ao deus Sol. Machu Pichu dista 100 km de Cuzco e seu acesso é feito por via ferroviária ou pela trilha feita pelos incas.

Em síntese, o povo inca, de origem misteriosa, iniciou sua caminhada humildemente à sombra e à luz do grande povo das aimaras, colla, chavin, Nasca, Mochica etc. Estabeleceram-se em Cuzco⁵⁴; assumiram a língua quechua e muito rapidamente expandiram, através das conquistas, seu grandioso Império. Foram ilustres na arquitetura, agricultura, nas artes de educar e instruir seus filhos e além do Deus Criador (*Pachacamac*) tinham outros deuses como o Sol, a lua, a deusa e mãe terra (*Pachamama*).

2) DESCRIÇÃO HISTÓRICA DOS POVOS “VENCEDORES”

1492 foi um ano histórico para os ibéricos e representou um marco para a história da humanidade. Além do navegador Cristóvão Colombo ter aportado na ilha de Santo Domingo, foi também a expulsão definitiva dos mouros. Durante sete séculos os maometanos permaneceram na península ibérica e sustentaram eternas lutas. Muito sangue foi derramado. Poderíamos dizer que nestes 700 anos criou-se um espírito guerreiro, uma cultura de guerras justas, de guerras santas⁵⁵.

⁵⁴ A tradução literal para o nome da cidade Cuzco é “*umbigo do mundo*”.

⁵⁵ Veja a brilhante obra histórica de Jean Babelon, intitulada “*O conquistador – vida de Fernando Cortez*”. Ed. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1958. A obra narra a saga do “conquistador” por volta de 1.500, no México.

Segundo nossa análise, para as Américas veio um catolicismo guerreiro, uma religião que justificou a guerra, a conquista, a morte do outro indefeso e pobre em armas. A ganância de riquezas, de ouro, a defesa de interesses, o desejo de lucro, a conquista religiosa, tudo é justificado por uma refalsada ideologia religiosa.

O início do Cristianismo marcou uma forma diferente de organização⁵⁶. A partir de Constantino invertem-se as estruturas: os dominados, aos poucos, passam a ser dominadores. Marx dirá mais tarde: uns passam da estrutura inferior da sociedade para a estrutura superior que domina e explora a inferior.

A ideologia da dominação vai evoluindo no seio da Igreja Católica. No fim do século seis o grande Papa Gregório Magno (590-604) prega a submissão dos infiéis como etapa primeira da Evangelização. Esta etapa poderíamos denominá-la de “Guerra de missão”. O Papa escreve na Bula que os cristãos devem apetecer, querer a guerra para dilatar entre os povos pagãos o cristianismo⁵⁷. Portanto, os cristãos devem apetecer, querer a guerra para dilatar entre os povos pagãos o nome de Cristo.

A Igreja na sua mentalidade evolutiva-guerreira cria os santos guerreiros como forças indispensáveis para dilatar a fé e o reino. Assim é que temos os santos guerreiros: São Jorge, São Sebastião, São Martinho, São Maurício e São Miguel Arcanjo. Mais tarde, no Brasil teremos Santo Antônio que receberá todos os títulos de guerreiro: de soldado a general, recebendo o correspondente soldo. Nossa Senhora também entra como guerreira nesta “guerra santa”: Nossa Senhora das Dores (1423) contra as injúrias dos hussitas; em 1583 cria-se a festa do nome de Maria para combater os turcos;

⁵⁶ Literalmente, assim a Bula se expressa: “*Bella vos frequenter appetere... dilatandae causa rei publicae... quatenus Christi nomen per subditas gentes, praedicatione circumquaque discurrat*”

Sobre o tema das comunidades cristãs dos primeiros séculos, veja: Hoornaert, Eduardo, *A memória do povo cristão*. Ed. Vozes, Coleção “Teologia e Libertação”, Série I, 1986.

⁵⁷ Hoornaert, 1978, pp. 37-38.

Nossa Senhora do Rosário para comemorar a vitória de Lepanto contra os mesmos turcos em 1572.

A ideologia de “Guerra Santa”, opina Hoornaert, fez com que nunca houvesse propriamente missão na América Latina: houve conquista, implantação da estrutura da religião. Ora, a guerra, a conquista, a espada são antagônicas, irreconciliáveis, irredutíveis à Evangelização. Para os ibéricos toda viagem para as Índias, para as Américas são “Cruzadas”; os índios são os primeiros a sofrer a “guerra santa”, a morrer porque são categorizados como sendo gentios, bárbaros, ignorantes, adjetivos utilizados pelos conquistadores atribuídos aos pobres das Américas, considerados como inimigos da fé. Por isto, em seu profundo estudo Jan de Bie afirma que “*não são só os apóstolos missionários, senão também os soldados e capitães: porque todos vão buscar gentios e trazê-los ao lume da fé e ao grêmio da Igreja*”⁵⁸. Mais adiante trataremos sobre o tema da união do religioso com o espiritual, do Estado com a Igreja.

Outra fonte da origem do catolicismo guerreiro está na cruzadas da Idade média, pois até mesmo os símbolos relacionados com a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo não escaparam à influência da ideologia guerreira. Segundo Nóbrega, o próprio nome “cruzada” demonstra que a cruz era considerada símbolo de vitória na milícia cristã. Na ideologia dos poderosos, considera Nóbrega, a cruz tornou-se instrumento de guerra e estandarte de exército: “*tudo para amedrontar os inimigos e esmagá-los*”. Hoornaert afirma que a cruz vermelha sobre campo branco tornou-se o terror dos povos do oriente médio e mais tarde dos índios americanos. Os ibéricos deviam dominar, sujeitar os índios para depois evangelizá-los, convertê-los. É a teoria posta em prática de São Leão Magno da “Guerra de missão”:

⁵⁸ Jan de Bie. *God in sermoenen van Padre Antônio Vieira*. Ap. Hoornaert, op. cit, p. 35.

“O Gentio, diz Nóbrega,, se fosse senhoriado ou despojado, como poderia ser com pouco trabalho e gasto, teria vida espiritual, conhecendo seu criador e vassalagem à Vossa Alteza e obediência aos cristãos e todos viveriam melhor e abastados e Vossa Alteza teria grossas rendas nestas terras”⁵⁹.

Não só Nobrega, mas a maioria dos ibéricos em toda a América assim pensavam e assim agiam. Por isto nossa afirmativa que para as Américas veio uma Igreja chamada de Cristandade com o Padroado. A Igreja da Cristandade nasce com Constantino, o imperador romano, no ano 313 da era Cristã. É o momento em que a Igreja se alia ao poder laico e o poder civil se alia ao poder religioso. No perpassar dos séculos a aliança dos dois poderes é tão grande que um poder, o religioso, coloca a coroa no Imperador. Nesta mútua dependência o Papa, como veremos mais claramente adiante, delega todos ou quase todos os seus poderes, e mesmo aqueles que não os têm, aos reis de Espanha e Portugal, criando, assim o Padroado. O Estado é patrão, protege, auxilia e manda na Igreja Católica principalmente nas Américas.

Dussel, um dos grandes pensadores sobre a Igreja na Cristandade nas Américas, diz que

“A cristandade (Christianitas) não é o cristianismo. O cristianismo é a religião cristã; christianitas, como a romanitas, é uma cultura. Deste modo, uma é religião e a outra a totalidade cultural que, orientada pelo cristianismo, constitui-se como cristandade. A cristandade é ao mesmo tempo unidade militar, econômica e também eclesiástica”⁶⁰.

⁵⁹ Nobrega, Manoel. Ap. Hornaert, op. cit, p. 47.

⁶⁰ Dussel, 1985, pp. 51 –52.

Dussel afirma que a cristandade latino-americana é colonial. O autor faz distinção entre cristandade e cristianismo, afirmando que o segundo é uma Igreja que transcende toda a cultura. Já o primeiro, a cristandade, é uma cultura que inclui o cristianismo e a ele se sobrepõe. A Igreja, assim, na análise de Dussel, desta forma perde o impulso profético e crítico que é próprio do Cristianismo na medida em que assimila uma cultura que é própria do povo europeu.

Segundo nossa análise, a Igreja da Cristandade influenciou em quase completamente os comportamentos humanos e as concepções cristãs dos ibéricos. O próprio Dussel afirma que a cristandade era como uma totalidade histórico-social latino-americana em tempos coloniais. Quer dizer, a estrutura eclesiástica se situa na sociedade política em clara vinculação com os aparelhos do Estado. Desde coroar reis, abençoar exércitos, julgar dissidentes, participar de funções de coerção. E o Estado tinha uma função espiritual: protegia os missionários, dava-lhes guardas armados, mantinha-os, construía igrejas e catedrais, doava terras, outorgava privilégios econômicos e políticos, cumpria com a decisão dos tribunais eclesiásticos oferecendo suas forças coercitivas para executar as penas”⁶¹. Assim a Igreja mergulha num modelo considerado “nefasto”, tornando-se mais autoritária, burocrática, sacramentalista, clerical, dependente e defensora do Estado. Todas as pessoas que se levantassem contra a repressão do Estado é julgado como herege e excomungado.

O modelo sociológico de Igreja da Cristandade se distancia da sociologia eclesial que marcou os três primeiros séculos da era cristã. No modelo de Igreja da Cristandade a realidade muda totalmente, já que será o Estado quem usará os seus aparatos para propagar o Evangelho. Assim o fazendo, atesta ideologicamente a soberania do Estado hispânico sobre os

⁶¹ Dussel, 1983, pp. 76-77.

povos oprimidos. Assim, a Cristandade é ao mesmo tempo um modelo estatal e eclesial. O Estado justifica sua coerção sobre a sociedade civil por motivos religiosos, divinos. Na análise de Dussel, a Igreja tinha a hegemonia absoluta a respeito da criação do consenso no povo cristão.

Toda a Igreja da Cristandade está comprometida também com “*Ius Patronatus*” – o direito de padroado, isto é, de ser protetor, senhor, patrão. Era o Estado que tinha este direito recebido da Igreja, dos Papas. Dussel diz que “o papa dá à coroa de Portugal (e mais tarde à da Espanha) um direito e um dever: o “*Ius Patronatus*”. O dever era o da propagação da fé entre os povos dominados ou arrebatados ao poder dos sarracenos. Era o poder de colonizar e evangelizar, misturando assim o temporal e o espiritual, o político e o eclesial, o econômico e o evangélico, produzindo de fato uma teocracia expansiva e militar: a cristandade ibérica⁶². Dussel em sua “História General” cita as principais bulas e seus respectivos autores a partir bem antes da invasão das Américas pelos ibéricos. Com esses poderes o Estado domina, acorrenta, submete e escraviza a Igreja durante séculos. Dussel afirma que “a mais antiga bula é a do Papa Clemente II, em 1344, pela qual entrega as ilhas Canárias à Espanha. Em 1418, Martinho V entrega Ceuta ao poder civil, e com a bula Sane Charissimus confiava a João I as campanhas africanas. O Papa Eugênio IV (1431-47) com a bula Rex Regum concede ao Rei territórios e bens dos muçulmanos e de todos os infiéis. Mas a bula mais violenta e anti-evangélica talvez seja a do Papa Nicolau V em 1455, onde concede todos os poderes, mesmo os que não tinha, ao rei de Portugal Afonso. Escreve o Papa Nicolau V, em 1454. citado em Dussel:

“Concedemos ao dito Rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar quaisquer sarracenos e

⁶² Dussel, 1983, p. 243.

pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo aplicar em utilidade própria e dos seus descendentes. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir estas determinações, seja excomungado, só podendo ser absolvido se, satisfeito o rei Afonso e seus sucessores ou o Infante, eles nisso concordarem”

O autor cita também o Papa Calixto II, que em 1456 reforça a jurisdição espiritual e jurídica do Rei de Portugal com a bula “*Inter Caetera*”. Em 1481 o Papa Calixto IV publica a bula *Aeterni Regis* e reforça a mentalidade do Padroado. Assim, a Igreja, neste modelo de Cristandade-Padroado, usa o Estado para funções pastorais; e o Estado usa a Igreja para conseguir consenso na sociedade civil.

Toda a discussão histórica que aqui trazemos situa-se no eixo de elucidar os mecanismos de dominação presentes na sociedade e na estrutura eclesiástica e na tentativa de encobrimento do outro. Estes temas são trabalhados forma brilhante por Dussel.

Para Dussel a dominação, o encobrimento do outro⁶³ não foi só no campo da cultura, mas, também no campo espiritual. Dussel denomina este encobrimento de *conquista espiritual*. A conquista espiritual deverá ser desencadeada em todos os rincões americanos, pois na visão dos conquistadores todo o mundo imaginário do indígena era demoníaco e como tal devia ser destruído. Esse mundo do outro era interpretado como o negativo, pagão, satânico e intrinsecamente perverso. O método da “tabula

⁶³ O tema do “outro” na literatura antropológica e histórica é vastamente abordado. Paul RICOEUR, já em 1955, trazia à tona a discussão sobre o “próximo” na análise histórica. Segundo analisa Ricoeur, “*próximo é a maneira pessoal pela qual me encontro com outrem, para além de toda mediação social*”. Paul Ricoeur, *História e verdade*. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1955, p. 110.

rasa” era a conclusão de um argumento: como a religião indígena é demoníaca e a européia é divina, a primeira deve ser totalmente negada⁶⁴.

Dussel ressalta em sua tese sobre o “encobrimento do outro” a dominação ou escravização pela sexualidade. O conquistador, analisa o autor, mata o varão índio ou o reduz à servidão, e se deita com a índia, “se amanceba com elas”; sexualidade puramente masculina, opressora, alienante, injusta: é a moral dupla do machismo. Dominação sexual da índia e respeito puramente aparente pela mulher européia”.

A Europa, na análise de Dussel, tende a transformar as demais culturas em objeto.. O outro é a matéria bruta, a massa rústica “descoberta” para ser civilizada pelo “ser” europeu da “cultura ocidental” mas encoberta em sua alteridade⁶⁵. Dussel reforça ainda mais esta tese dizendo que “*a conquista é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o outro com o ‘si-mesmo’*”. O outro, em sua distinção é negado como outro e é sujeitoado, subsumido, alienado a se incorporar à totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como “encomendado”, como assalariado (nas futuras fazendas ou como africano escravo) nos engenhos de açúcar ou outros produtos tropicais.

Enfim, completa Dussel, a dominação é a afirmação prática do “*eu conquisto*” e da “*negação do outro*” enquanto tal. O outro para os ibéricos sempre será visto “*como servo, como colonizado, como dominado, como explorado e humilhado*”⁶⁶.

Os povos que consideramos como sendo invasores trouxeram para a América uma cultura. Como já vimos, o termo ‘cultura’ é muito rico e denso de sentido. Os povos cujos relatos pesquisamos manifestaram um momento singular de sua cultura. O momento a ser estudado é após a derrota

⁶⁴ Dussel, 1993, p. 60.

⁶⁵ Id. p. 36.

⁶⁶ Id. Ibid., 114.

que acontece em 1521 a 1532 de nossa era. Nesta pesquisa sobre os povos vencidos das Américas, entendemos por cultura, todo o modo de ser, de sentir e de se manifestar de um povo.

A definição de natureza antropológica de cultura afirma que a mesma constitui todo um modo de ser de determinado povo. Geertz afirma que se trata da forma de pensar, de sentir e de acreditar de um povo, ou seja, o seu modo comportamental e fazer as coisas⁶⁷.

Esta postura teórica é reforçada por Edward Tylor, que afirma a cultura como incluyente dos conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade adequada por determinado povo⁶⁸. Isto se torna gritante ao lermos alguns relatos dos povos vencidos da América. Além de impor uma cultura diferente os conquistadores possuíam uma forte característica etnocentrista.

Além da mentalidade de serem portadores de uma cultura tida como superior, os invasores trouxeram aquela Igreja da Cristandade, atrelada ao poder civil, dependente e submissa aos Reis de Espanha e de Portugal. Na Espanha funcionava o terrível “*Conselho das Índias*” e em Portugal a “*Mesa de Consciência e Ordens*”⁶⁹.

Junto às caravelas, ao lado dos comandantes e soldados estavam os missionários. Junto à cruz estava a espada, a violência, a conquista, o que é uma profunda e radical contradição. Sabemos que toda esta realidade tem suas raízes. A Igreja da Cristandade não veio do céu. Ela nasceu aos poucos por meio das mais diversas “outorgas” concedidas pelos Papas. Cito, por exemplo, a Bula “*Romanus Pontifex*” expedida em 8 de janeiro do ano da

⁶⁷ Geertz, 1973, p. 43.

⁶⁸ Apud Laraia, 1986, p. 25.

⁶⁹ Eram como uma espécie de Ministério encarregado de administrar as coisas da religião e da Igreja nas colônias. Tudo devia passar por esses Ministérios. Toda relação da Igreja nas colônias devia se relacionar, não com o Papa, mas, com as autoridades eclesiásticas e civis deste ministérios.

Encarnação de 1454 pelo Papa Nicolau V. No quarto parágrafo o Papa escreve:

“Por isso nós, tudo pensando com devida ponderação, por outras cartas nossas, concedemos ao dito Rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outros, de invadir, conquistar, subjugar quaisquer sarracenos e pagãos (aqui entram os índios) inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo aplicar em utilidade própria e dos seus descendentes: (...) E no último parágrafo da bula conclui: “Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir estas determinações, seja excomungado, só podendo ser absolvido se, satisfeito o Rei Afonso e seus sucessores ou o Infante, eles nisso concordarem”.

O Papa Nicolau V delega poderes aos organismos civis. Recordemos que os Papas se arrogavam o poder total sobre a face da terra, pois o Papa é o sucessor de Cristo aqui na terra. Ora, Cristo é Deus dono do céu e da terra e este Cristo delegou todo seu poder a seu sucessor, logo o Papa podia, como dono do mundo autorizar aos reis da terra a faculdade de “invadir”, de “conquistar”, de subjugar os inimigos de Cristo e se apossar das terras e de seus bens. E de modo especial o poder divino (!) de “reduzir à servidão”. Por isto que a partir de 1492, todo o continente americano é invadido, é conquistado a ferro e fogo por meio da guerra “justa”, da “Guerra Santa”.

Recordemos aqui a intervenção do Papa Paulo III que em 1537 escreveu a Bula “*Veritas Ipsa*” em que afirma que os índios são capazes de receber a fé pois são verdadeiros homens. Vejamos algumas frases textuais da Bula do Papa Paulo III:

“O inimigo do gênero humano (...) moveu uns seus satélites, (os ibéricos), que desejosos de satisfazer à sua ambição, ousaram afirmar que os índios ocidentais e meridionais e/ou outros povos, que em nossos tempos chegaram ao nosso conhecimento, sob o pretexto de que são inexperientes na fé católica, são como animais brutos, que devem ser reduzidos ao nosso serviço. E (de fato) os reduziram à escravidão, aperreando-os com tantas aflições, como as que usam para animais brutos, que os servem. Nós, portanto (...) procuramos as ovelhas do rebanho (de Cristo) a nós confiadas, e que estão fora do seu redil, atendendo aos mesmos índios, como verdadeiros homens, e que não apenas capazes da fé cristã, mas também, como é do nosso conhecimento, correm prontamente para a mesma fé cristã (...) e continua o Papa: Julgamos e declaramos que os preditos índios e todas as outras gentes (...) não são nem devem ser privados de sua liberdade e do domínio das suas coisas (...) nem devem ser reduzidos à escravidão mortal”.

A Bula do Papa Paulo III, em sua intervenção no mundo católico, denuncia o espírito de exploração praticada na América Latina, em particular da invasão do México. Cristóvão Colombo, em 1492, foi bem recebido com hospitalidade por parte dos índios, assim como todos os invasores sempre foram, no início, bem recebidos pelos índios da América. Mas os espanhóis logo começaram a maltratar, explorar e escravizar os índios nas chamadas “*encomiendas*” por meio das quais o colono recebia terras e índios para produzirem em favor dele.

Bem recebidos, bem alimentados gratuitamente, os espanhóis em nome da “*civilização ocidental e cristã*” como irão dizer mais tarde os

cristãos assassinos das ditaduras latino-americanas mataram cerca de três mil pessoas.

2.1) OS “VENCEDORES” E A ANIQUILAÇÃO DA IDENTIDADE E DA CULTURA DOS POVOS VENCIDOS

Etimologicamente, identidade vem do latim *idem* que significa o mesmo. Por identidade entendemos um conjunto de caracteres próprios e exclusivos de um povo, de uma tribo principalmente na dimensão cultural e religiosa. Segundo Brandão a palavra identidade tenta “explicar o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que a cada um de nós nos torna, diante de outros eus, um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade. A consciência de minha continuidade em mim mesmo”⁷⁰. Portanto a identidade faz com que nós nos diferenciem uns dos outros. E Brandão complementa: o diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade... o outro é um diferente e por isto atrai e atemoriza. “É preciso domá-lo... e reduzi-lo”⁷¹.

Esta assertiva de Brandão ficará muito clara quando apresentaremos os relatos de alguns povos vencidos das Américas que foram “reduzidos”, “domados” e escravizados pelos invasores a partir de 1492. É surpreendente a afirmativa de Brandão quando diz que o dominador em geral torna outro povo diferente para fazê-lo inimigo, subjugando-o, cristianizando, educando, sedentarizando, conforme análise de Brandão⁷². E, Brandão diz que os invasores tinham uma finalidade de assim procederem: o trabalho de tornar o outro colocá-lo melhor a serviço. Reduziam os índios, os adequavam,

⁷⁰ Brandão, 1986, p. 7.

⁷¹ Theodor W. Adorno, no clássico “*Sociologia*” (Ed. Ática, 1994, p. 78) afirma o perigo de se cair na “aparência de liberdade” que torna “incomparavelmente mais difícil perceber a própria falta de liberdade”.

⁷² Brandão, 1986, p. 08.

civilizando-os para serem desiguais sem tantas diferenças e assim servirem melhor aos brancos.

Os ibéricos jamais conseguiram a redução total ou a eliminação da identidade dos índios ou dos negros. Houve no decorrer dos 500 anos uma contínua resistência, pois, cada povo, cada pessoa humana, cada ser tem sua identidade singular e grupal, na análise de Brandão. No entanto, devemos reconhecer que houve delimitações impostas pelos ibéricos quanto aos símbolos indígenas, mas não houve a extinção total dos símbolos que qualificam e identificam a pessoa humana, o grupo, a minoria, a raça, o povo através de conflitos, lutas e manipulações pois, na análise de Brandão, um povo ao mesmo tempo se nega a si mesmo e se afirma como uma identidade de dominado ou perseguido. É a eterna vigilância ou resistência dos grupos que os leva à identificação ou à diferenciação dos demais.

Nas Américas os povos invadidos viam-se na contingência de engendrar, segundo nos mostra Brandão, a necessidade de lutar pela sua sobrevivência e nesta luta incluem-se os símbolos que preservam uma identidade de minoria de dominado. E, como povos dominados, “*invadidos de novos valores, nova cultura, nova religião etc. veio afetar a identidade grupal e criar crises na formação pessoal de sentimentos e da consciência de si*”⁷³. Tudo isto provoca alterações sucessivas em todas as dimensões da vida do índio, enfim de qualquer povo que perde suas terras, sua autonomia política, torna-se dependente, tutelado, desestruturado.

Além de uma explicação do termo identidade, necessitamos definir o sentido da expressão *etnia* e sua relação com a *identidade*. O sentido da palavra identidade tanto na origem etimológica como formal. Quanto à definição formal de identidade étnica, Roberto Cardoso de Oliveira recorre a Berger e Luckmann para afirmar que “*a identidade étnica é um fenômeno que*

⁷³ Brandão, 1986, p. 46.

emerge entre o indivíduo e a sociedade”⁷⁴. E, para a identificação étnica, Cardoso refere-se “ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais e religiosos para se identificar e desse modo relacionar-se com os outros”⁷⁵. Cardoso também afirma fundamentando-se em Daniel Glaser e Fredrik Barth que a identidade étnica é irredutível às formas culturais e sociais altamente variáveis ou como diferentes formas de organização, segundo analisa Cardoso. Veremos, mais adiante, como os povos das Américas serão abalados em suas formas culturais, sociais e mesmo religiosas, mas, não serão abalados em suas identidades étnicas. Cardoso parece que entra em contradição quando fala do processo social da assimilação “*pelo qual um grupo étnico se incorpora noutro, perdendo sua peculiaridade cultural e sua identificação étnica anterior*”⁷⁶. Na nossa opinião formularia a Cardoso o seguinte: Até que ponto um povo poderá perder sua identidade étnica se esta é irredutível às formas sociais e culturais? Penso que poderemos admitir um certo grau de perdas étnicas mas nunca a perda total da etnicidade⁷⁷.

Até aqui vimos o sentido de identidade e de etnia. Mas, para aprofundar o conhecimento de um povo é de suma importância definir e estudar a sua cultura, pois, será através da cultura que identificaremos melhor quem foram os astecas, os maias e os incas. Passemos então para o ponto seguinte que trata ou define o conceito de cultura.

O termo cultura é muito rico e denso de sentido. É um termo interdisciplinar pela própria natureza. Os sociólogos, antropólogos e os psicólogos tentaram dar suas explicações, muito mais que definições, sobre o sentido da palavra cultura. Começemos, inicialmente com as citações e

⁷⁴ Oliveira, 1976, p. 43.

⁷⁵ Cardoso, 1976, p. 03.

⁷⁶ Id. Ibid., p. 26.

⁷⁷ Veja a discussão trazida por Paula Monteiro (org.) no artigo intitulado “*A universalidade e a particularidadedas culturas*”, que integra a obra “*Entre o mito e a história*”. Na obra a autora afirma: “*as reivindicações de identidade cultural são reivindicações de ordem política que se constroem no plano da cultura*” (Vozes, 1996, p. 106).

explicações do autor: Clifford Geertz. Este autor cita algumas definições do antropólogo Clyde Kluckhohn que diz ser a cultura:

- a) o modo global de um povo;
- b) o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo;
- c) uma forma de pensar sentir e acreditar;
- d) a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente;
- e) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens⁷⁸.

Geertz, com base na teoria weberiana, apresenta um conceito de ao afirmar, “*que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu; a cultura é, portanto uma ciência interpretativa à procura do significado*”⁷⁹. Geertz apresenta também a noção de cultura de um povo numa exigência: “*Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade*”⁸⁰.

Um outro antropólogo que explica o sentido de cultura é Laraia, que cita a definição de Edward Tylor sobre o vocábulo cultura: “*cultura inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade*”⁸¹. Muito importante é também a compreensão de cultura e seus símbolos. Laraia faz uma significativa citação de Leslie White que afirma: “*Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem seria apenas animal, não um ser*

⁷⁸ Apud. Geertz, 1973, p. 14.

⁷⁹ Id. Ibid., p. 15.

⁸⁰ Geertz, 1973, p. 24.

⁸¹ Tylor, Edward. Ap. Laraia, 1986, p. 25.

humano”⁸². Estas mesmas idéias de White são reforçadas com a definição de cultura de Claude Lévi – Strauss. Para Strauss “cultura é como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”⁸³.

Até aqui percebemos que os teóricos do conceito de cultura nos levam a afirmar que cultura é todo modo de ser, de sentir, de fazer e de ver o mundo e a realidade. Enrique Dussel reflete a partir do choque violento de duas ou mais culturas que há 500 anos se desencadeou devastadoramente no mundo das Américas. Dussel faz, inicialmente, uma distinção entre cristianismo e cultura: “*uma cultura nunca pode ser, como tal, cristã, porque o cristianismo nunca pode ser cultura*”. Para Dussel a chegada às Américas dos ibéricos não foi um encontro de duas culturas, mas, representou um choque devastador, genocida, absolutamente destruidor do mundo indígena, pois o conceito de encontro é encobridor porque se estabelece ocultando a dominação do “eu” europeu, de seu mundo, sobre o mundo do outro, do índio, mas era uma relação assimétrica, onde o “mundo do outro” é excluído de toda a racionalidade e validade religiosa possível. “*Nenhum encontro pôde ser realizado pois havia um total desprezo pelos ritos, deuses, mitos, crenças indígenas*”⁸⁴. Dussel afirma a impossibilidade do encontro de duas culturas dizendo que os europeus definiam sua “*própria cultura como superior, mais desenvolvida; e por outro lado, a outra cultura (a dos indígenas) é determinada como inferior, rude, bárbara, sempre sujeito de uma imaturidade culpável e merecedora de dominação de guerra, de violência sobre o outro ser inferior*”⁸⁵. Estas afirmativas de Dussel sobre culturas superiores, isto é, mais forte na arte de matar e destruir, mais letrados, melhor organizados na política, na polícia, exército e cultura inferior, isto é, atrasados e rudes quanto à civilização, às letras, às maneiras de se vestir e comportar

⁸² White, Leslie. Ap. Laraia, op. cit, p. 56.

⁸³ Strauss, Claude Lévi. Ap. Laraia, op. cit, p. 62.

⁸⁴ Dussel, 1993, pp. 64-65.

⁸⁵ Dussel, *ibid.*, p. 75.

diferentes dos ibéricos são reforçados pelo que, sendo Dussel “a dominação que a Europa exerce sobre outras culturas é uma ação pedagógica ou uma violência necessária e é justificada por ser uma obra civilizadora e modernizadora. O conquistador ou o europeu não só é inocente, mas meritório, quando exerce tal ação pedagógica ou violência necessária”⁸⁶. Para Dussel esta concepção européia é uma mentalidade distorcida. E também os acusa de uma inversão de valores: a vítima inocente (o índio) é transformada em culpada, o vitimário culpado (o invasor, o conquistador) é considerado inocente⁸⁷.

Por tudo isto, afirmamos que a América nunca foi des-coberta, mas invadida, conquistada. Nunca foi evangelizada, mas lhe impuseram, na maioria das vezes, uma cultura européia, uma comovisão religiosa estranha. Isto se tornará mais claro quando citarmos os depoimentos dos vencidos mexicanos, maias e incas!

Nesta visão retrospectiva da invasão do México, concluo com mais uma citação de La Brevíssima:

“Despues de que todos los yndios de la tierra desta ysla fuerom puestos en la servidumbre e calamidad de los de la española: viendose morir e perecer sin remedio todos, començaron unos a huyr a los montes; otros a ahorcarse de desesperados: y ahorcavanse maridos e nugerres e consigo ahorcavam los hyos: y por las crueldades de un español muy tirano (que yo conoci) se ahorcaron mas de duzientos yndios”⁸⁸.

⁸⁶ Id. Ibid, p. 78.

⁸⁷ Id inid., p. 79.

⁸⁸ In Laraia, 1986, p. 48.

Entretanto, nem todos entraram na mentalidade e nem assumiram as atitudes da Igreja da Cristandade. Houve uma minoria que nesta pesquisa categorizamos como sendo os “*profetas*” que denunciaram a exploração e a morte dos índios. O fim de suas vidas foi geralmente marcado pela perseguição, morte ou expulsão de seus países.

CAPÍTULO II

A EMERGÊNCIA DOS PROFETAS DOS POVOS VENCIDOS NA AMÉRICA - UMA LEITURA SOCIOLÓGICA

“Cristianizaram-nos mas nos fazem passar de um dono a outro como animais. E Deus está ofendido com os “chupadores” (de sangue).”

Chilam Balam de Chamayel

Houve pessoas nas colônias – que aqui identificamos como sendo Profetas - que desrespeitaram e desobedeceram as normas de submissão da Igreja às autoridade civis. O exemplo clássico é de São Toríbio de Mogrovejo, arcebispo de Lima que escreve diretamente ao Papa denunciando as matanças, escravidão de índios, exploração da mão de obra nas encomendas e nas minas. São Toríbio é intimado a comparecer às barras do tribunal, mas não obedece e foge para as montanhas onde fica cinco longos anos convivendo com os índios apossados pela força bruta e estúpida dos invasores.

1) UMA APROXIMAÇÃO DO CONTEXTO DE DOMINAÇÃO A PARTIR DOS RELATOS HISTÓRICOS

*“Deixem-nos, pois morrer, deixem-nos perecer, pois nossos deuses já estão mortos”!*⁸⁹

Miguel L. Portilla afirma que no dia 18 de Fevereiro de 1519, Hernán Cortés⁹⁰ partiu de Cuba à frente de uma esquadra composta por 11

⁸⁹ *Libro de los coloquios de los doce*. Existe um resumo em espanhol preparado por Frei Bernadino de Sahagún. Ap. Portilla., 1985, p. 18.

⁹⁰ Traduzido, o nome é Fernando Cortez. Veja detalhada obra da vida de Cortez na obra *“Conquistador, a vida de Fernando Cortez”*, publicado pela Ed. José Olympio e de autoria de Jean Babelon (Rio de Janeiro, 1958, tradução de Brito Broca).

(onze) navios, 600 homens, 16 cavalos, 32 bestas, 10 canhões de bronze e “*algumas outras peças de artilharia de pequeno calibre*”⁹¹.

Pouca gente e pouco material para dominar milhões de mexicanos, e outros povos. Antes de Cortés, Juan de Grijalva já havia chegado às costas orientais do México, assim como Jerônimo de Aguilar. Os relatos de dois escritores que acompanhavam a Cortés descrevem que Jerônimo de Aguilar levado em uma tempestade, foi lançado e preso pelos Maias onde aprenderá fluentemente a sua língua e que servirá de intérprete nas viagens conquistadoras de Hernán Cortés⁹².

Assim que Cortés chegou às costas orientais deu guerra aos nativos e recolheu o língua Jerônimo de Aguilar e mulheres índias. Uma delas será extremamente importante na conquista do México, pois esta mulher de nome Malinche (ou Marina) dominava corretamente a língua dos Maias e dos Astecas (o Nahuatl). E aprendeu facilmente o espanhol. Será ela, Malinche, que denuncia o levante dos astecas em “la noche triste” e denuncia a insurreição dos cholultecos. Se não fosse Malinche, Hernán Cortés certamente não conquistaria o México, pois, em Cholula onde fez uma grande matança, ou dentro dos muros da capital dos astecas: México-Tenochtitlan, Malinche, por ser jovem, muito atraente, inteligente e que dominava três influentes línguas, acabou sendo concubina do conquistador Hernán Cortés, e denunciadora de todas as tramas dos índios⁹³.

Cortés e sua esquadra antes de chegarem a México-Tenochtitlan, desembarcou em Zampoala. Dominou e levou consigo muitos índios para reforçar seu contingente militar. E seguindo caminho, funda ali perto a primeira vila e constrói a primeira capela. A vila, ainda hoje se chama Vila Rica de la Vera Cruz⁹⁴.

⁹¹ Portilla, 1985, p. 11.

⁹² Aguilar, 1980, P. 16.

⁹³ Id. Ibid., p. 67.

⁹⁴ Castillo, 1955, p. 81.

Ao prosseguir rumo à capital do império mexica, conquista Tlaxcala. Os tlaxcaltecas eram terríveis guerreiros de tal modo que os Astecas nunca conseguiram conquistá-los. Por isto surgiu entre eles, mexicas e tlaxcaltecas, uma combinação de realizar guerras floridas onde ninguém devia morrer e que tinha um forte objetivo que era o de conquistar guerreiros para serem oferecidos aos seus deuses.

De Tlaxcala, Cortés dirige-se a Cholula, grande centro civilizatório. Os cholultecas para que seu centro religioso não fosse profanado pelos conquistadores, o cobriram de terra, tornando-se a pirâmide uma montanha. Mais tarde, sem o saberem, os espanhóis construíram a igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Do alto desta pirâmide-igreja, divisa-se hoje a grande cidade de Puebla.

Hernán Cortés com seu tropel de cavalos, canhões, armas de fogo, e muitos combatentes reforçados pelos Zampoaltecas, pelos Tlaxcaltecas e outros foram bem recebidos em Cholula. Mas, após alguns dias os cholultecos mingam os mantimentos e Malinche percebe a trama deles. Cortés não duvida e manda fogo e mata tanta gente que os relatos dizem que corriam pelas calçadas rios de sangue. Após o massacre de Cholula, os invasores tentam se aproximar de Tenochtitlan e conseqüentemente do grande imperador Montecuhzoma (Montezuma). Este aguardava a Cortés como um deus. Era o retorno de Quetzalcóatl e de outros deuses que o acompanhavam. Montezuma o recebeu muito bem, solenemente, e o introduz nos palácios imperiais onde descansou.

Cortés foi informado de que o governador de Cuba, Diego Velázquez, arrependido por ter confiado a esquadra a ele, mandara outra esquadra para combater a Cortés através do comandante Pánfilo de Narváez. Cortés deixa o seu subcomandante com parte da tropa, Pedro de Alvarado, na capital. Este quer mostrar serviço e promove uma grande festa do deus Tóxicatl. A festa é realizada no templo maior onde se reuniram os principais

do império asteca. Durante a festa, altas horas da noite, Alvarado com 150 soldados armados fecha as portas do templo maior e entram no templo e covardemente matam a todos os que ali se achavam. Mais tarde, apresentaremos os sentimentos, a derrota e a grande matança vista e sentida pelos astecas. Foi uma das mais sádicas e vergonhosas traições que a história universal registra nos seus anais: promover uma festa, e, em vez de participar da alegria, da confraternização, Alvarado e seus “civilizadores cristãos”, matam aqueles que os haviam convidado à festa⁹⁵.

Ao voltar, Cortés encontra muita revolta entre os mexicas. Estes se organizam para dar o bote àqueles falsos e traidores deuses. Mas, Malinche, sempre atenta, percebe, entende a língua *náhuatl* dos astecas e avisa Cortés para que este possa fugir. Na fuga, os espanhóis que estavam hospedados nos palácios do império asteca, perderam muitos soldados, alguns cavalos e canhões, pois os astecas estavam bem preparados para dar fim aos invasores. Portilla afirma que na história do México, a fuga dos espanhóis é conhecida como “*La noche triste*”⁹⁶.

Os conquistadores não desanimam. Passam quase um ano organizando seu exército com milhares de indígenas, de modo singular Cortés arrebanhou soldados entre os valentes traxcaltecas. Com mais de 80.000 (oitenta mil homens) Cortés cerca a grande Tenochtitlan por água e terra (as grandes comunicações dos habitantes da capital eram feitas por canais de água. (Hoje, ao sul da capital do México ainda existem canais que servem de turismo). O cerco durou uns três meses, segundo a narrativa de Portilla. A população, narra o autor, foi submetida à fome e ao desespero. No dia 13 de

⁹⁵ Portilla, 1985, p.p. 31-32.

⁹⁶ Interessante análise de Eric HOBSEBAWM, ao reportar a importância da análise histórica, já que, segundo o autor, “*lidamos com sociedades e comunidades para as quais o passado é essencialmente o padrão para o presente*”(Eric HOBSEBAWN, *Sobre a história*. Ed. Cia das Letras, 1998, p. 22).

agosto de 1521 a última resistência se organizou em torno da praça de Tlatelolco, onde estavam os depósitos de milho⁹⁷.

Por tudo isto os sábios astecas suplicam aos doze missionários franciscanos que haviam chegado ao México em 1524: “*Deixem-nos, pois morrer, deixem-nos perecer pois nossos deuses já estão mortos!*”⁹⁸. Esta súplica lancinante que os sábios e sacerdotes astecas dirigem aos primeiros missionários franciscanos e relatada por Bernardino de Sahagún no livro dos “*Coloquios de los Doce*”, demonstra a mágoa profunda e devastadora que os astecas vivem pela perda de sua cultura e religião tão queridas pelos seus antepassados. Isto porque a religião, como diz Maduro, faz parte da vida humana, faz parte de um povo, está estritamente ligada e relacionada com a vida social e com todas as outras dimensões da vida comunitária⁹⁹. Era o fim de uma grande civilização.

No diálogo com os doze missionários podemos citar outras emoções dos vencidos astecas, como no trecho que extraímos:

*“Vós dissestes que nós não conhecemos ao Senhor que está perto e conosco, aquele de quem são os céus e a terra, dissestes que não são verdadeiros os nossos deuses. Nova palavra é esta, a que falais e por causa dela estamos perturbados, por causa dela estamos incomodados”*¹⁰⁰.

Os sábios astecas e seus sacerdotes estão extremamente perturbados porque os “produtores” ou os “funcionários” da estrutura eclesiástica católica, utilizando uma categoria abordada por Pierre Bourdieu, estão impondo uma nova religião, com um novo Deus e afirmando que os

⁹⁷ Beozzo, 1986. P. 81.

⁹⁸ Frase histórica e célebre, encontrada em manuscrito anônimo de Tlatelalco (Cf. Portilla, 1985, p. 20).

⁹⁹ Maduro, 1981, p. 71.

¹⁰⁰ Portilla, Op. Cit. Ap. José Oscar Beozzo. 1992, p 284.

deuses dos astecas são falsos. Maduro afirma que na América Latina os funcionários da religião (clero católico) produzem uma nova religião cerceando as expressões religiosas das comunidades indígenas. Por sua parte Bourdieu diz que toda religião tenta monopolizar os bens da salvação por meio *“de um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção e reprodução da religião”*¹⁰¹. Esta análise é aplicável quando vemos os missionários da Igreja da Cristandade atuando como proprietários das verdades religiosas. Denominavam a cultura, a religião dos povos ameríndios. Nova doutrina, nova palavra, nova cultura que se impunha aos índios para eliminar todo o modo de ser, de sentir, de cultivar, de se expressar. Para ser cristão o índio tinha que se espanholizar ou se aportuguesar, ou seja, aculturar-se

A cosmologia mexica, também exposta abertamente neste amplo processo de aculturação, aparece no célebre diálogo com os doze franciscanos:

*“Os deuses (que vós derrotastes) e que nossos antepassados nos ensinaram, é que eles nos dão nosso sustento, tudo quanto se bebe e se come, o que conserva a vida, o milho, o feijão, os bredos (planta comestível), a chía (= semente de sálvia). Aos deuses é que pedimos água e chuva, pelas quais se produzem as coisas da terra. Eles, os deuses, são felizes, possuem as coisas (...) Em sua casa: Tlalocan, nunca há fome, não há enfermidade, não há pobreza. Eles dão valor aos humanos (...) Eles nos deram o comando, o poder, a glória, a fama...”*¹⁰².

¹⁰¹ Bourdieu, 1988, p. 39.

¹⁰² Portila, 1985, pp. 21-22.

Neste relato emerge uma concepção religiosa na América-pré-colombiana como profundamente entrelaçada com as mais diversas atividades humanas como a política, a economia, a biologia e até a meteorologia, conforme analisa também Maduro¹⁰³. Enfim, todos os estudiosos dos astecas afirmam que a cosmovisão deles estava profundamente relacionada com os deuses, com a religião, de tal forma que se não houvessem sacrifícios humanos alimentando os deuses com o “precioso líquido” (sangue humano) os deuses morreriam e morrendo os deuses toda a natureza desapareceria¹⁰⁴.

Toda esta cosmovisão foi para sempre sepultada e o peso de cinco séculos esmaga a hipocrisia dos invasores que em nome do Deus da vida impuseram uma nova cultura, a cultura da morte. A visão de céu: Tlalocan onde existia a paz, a abundância, a vida tomou-se um lugar de sofrimento.

Os povos que, nesta pesquisa, categorizamos como “vencidos” assim se expressam, conforme explicitado por Maduro:

*“E, agora, nós destruiremos a antiga regra de vida? (...) Nós sabemos a quem se deve a vida, a quem se deve o nascer, a quem se deve o gerar, a quem se deve o crescer, como se deve invocar, como se deve rogar. Ouvi, senhores nossos, não façais algo a vosso povo que lhe cause a desgraça, que o faça perecer”!*¹⁰⁵

Os astecas, pelo que notamos nos relatos, viveram uma grande perturbação pois a antiga regra de vida, sua cultura, seu modo de ser estão ameaçados de destruição, de mudanças profundas e radicais. Dussel foi feliz quando afirmou que a conquista encobria o outro, que o outro é negado como

¹⁰³ Maduro, 1981, p. 83.

¹⁰⁴ Guerrero, 1980, pp. 11-12.

¹⁰⁵ Ibid. 1985, p. 22

outro, que o outro (o índio) é sujeitado, alienado e obrigado a se incorporar à totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como encomendado ou como assalariado¹⁰⁶. Por mais que os explorassem, não tenderiam a eliminá-los, pois suas vidas eram importantes nas lavouras, nos transportes, nas construções.

Os sentimentos dos vencidos são expressos no traslado da descrição épica da capital sitiada. Disseram os sobreviventes: *“isso tudo se passou conosco. Nós vimos, estamos estupefatos: com essa triste e lamentosa sorte nos vimos angustiados”*¹⁰⁷. E continuam A numa descrição dramática:

“Nos caminhos jazem dardos quebrados; os cabelos estão espalhados. Destelhadas as casas, incandescentes estão seus muros. Vermes abundam por ruas e praças, e as paredes estão manchadas de miolos arreventados.

Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido, e se as bebíamos, eram águas de salitre.

(...)

*Temos comido pães de colorin,
Temos mastigado grama salitrosa,
Pedacos de adobe, lagartixas, ratos,
E terra em pó, e mais os vermes”*¹⁰⁸.

Neste relato notamos a derrota numa descrição épica da capital sitiada e destruída. Os invasores, como bem afirma Dussel, tornaram as outras culturas, mundos e pessoas em objeto.

¹⁰⁶ Dussel, 1993, p. 44.

¹⁰⁷ Portilla, 1985, p. 41.

¹⁰⁸ Ibid., p. 41.

Toda essa tragicidade foi vivida por milhares de astecas durante o sítio de sua grande e esplendorosa Tenochtitlan e Tlaltelolco. Os judeus viveram algo de semelhante há quase 2000 anos atrás quando os imperialistas romanos sitiaram e destruíram Jerusalém. Os impérios, a soberania da força sempre se impuseram aos vencidos.

Seguem os relatos dos astecas:

*“Chorais, amigos meus
entendei que, com estes fatos,
perdemos a nação mexicana”.*

Por isto tudo

*“Deixai-nos, pois morrer,
deixai-nos perecer,
pois nossos deuses estão mortos”¹⁰⁹.*

Depois de tomar terra arrasada toda a região do México-central, Cortês e Alvarado conquistam a ferro e fogo a região sul onde habitavam diversos povos dominados pelo império Maia, de modo especial na península de Yucatán e parte da atual Guatemala.

Também na região dos maias e outros povos o impacto de culturas foi violento e trágico, *“causando profundas mudanças com drásticas conseqüências na história dos povos ameríndios. A superioridade militar dos europeus teve como conseqüência o esmagamento dos indígenas”¹¹⁰.*

Vejamos algumas passagens dos escritos maias após sua dominação pelas forças estrangeiras. O principal livro a ser citado será de Chilam Balam:

¹⁰⁹ Ibid., 1992, Pp. 20 e 48..

¹¹⁰ León, Mário A. Rodrigues. *A invasão e a Evangelização na América Latina*. In: CEHILA, 1992., p.69.

*“Então tudo era bom
 e então (os deuses) foram abatidos.
 Havia neles sabedoria.
 Não havia então pecado...
 Não havia então enfermidade,
 Não havia dor de ossos,
 não havia febre para eles,
 não havia varíolas...
 retamente erguido ia seu corpo então.
 Foi assim que fizeram ao dzules
 quando chegaram aqui.
 Eles nos ensinaram o medo,
 vieram fazer as flores murchar,
 para que sua flor vivesse,
 danificaram e engoliram nossa flor.
 (...)
 Castrar o Sol!
 Isso vieram fazer aqui os dzules.
 Ficaram os filhos de seus filhos,
 aqui no meio do povo
 esses recebem sua amargura”¹¹¹.*

Os maias lamentam o fim de seus deuses (*os nossos deuses foram abatidos*). Tudo precisava ser encoberto. Era a grande missão dos ibéricos. Dussel denomina este encobrimento de a conquista espiritual que deveria ser desencadeada em todos os rincões americanos, pois na visão dos conquistadores *“todo o mundo imaginário do indígena era demoníaco e como*

¹¹¹ Chumayel, Chilam de. Ap. Portilla, 1985, p. 59.

*tal devia ser destruído. Esse mundo do outro era interpretado como o negativo, pagão, satânico e intrinsecamente perverso*¹¹².

Os espanhóis impuseram também aos maias sua religião, seu Deus. Otto Maduro diz que a Espanha impôs um sistema religioso monopolizador, uma acentuada burocratização das práticas religiosas e uma marcada diferenciação social das práticas religiosas. Por tudo isto é que os maias relatam que seus deuses foram vencidos, abatidos. As práticas religiosas dos maias foram abafadas em grande parte, pois nunca se abafa de tudo uma cultura. Bourdieu afirma que ao impor uma religião ou uma nova cultura nunca haverá uma deteriorização ou pauperização religiosa total ou expropriação radical das crenças dos povos invadidos, embora como sabemos, o aparelho-religioso-católico nas Américas fez de tudo para assegurar a produção e a difusão da religião católica¹¹³.

Quando os maias viram que seus deuses foram abatidos, isto é, quando sua religião acabou, tudo parecia sombras, dor, derrota, morte! Eles também podiam exclamar como os Astecas: deixem-nos morrer, pois, tudo acabou, tudo fugiu, tudo mofou!

Além de sua cultura religiosa ter acabado, os brancos invasores introduziram o pecado, a ignorância, a enfermidade, enfim os vírus que mataram milhões de índios nas Américas.

Por cultura religiosa entendemos aqui toda forma de pensar, sentir e acreditar de um povo; é um modo global de um grupo de pessoas ou de um povo todo de se comportar, de agir, de acreditar¹¹⁴. O termo cultura é muito denso de sentido. Através dos tempos os sociólogos, antropólogos e os psicólogos tentam definir ou dar as mais diversificadas explicações sobre o

¹¹² Dussel, 1993, p. 60.

¹¹³ Bourdieu, 1988, p. 40.

¹¹⁴ Geertz, 1973, pág. 14.

sentido da palavra cultura. Geertz condensa o sentido de cultura quando afirma ser uma ciência interpretativa à procura do significado.

Foram impostos valores e contra-valores culturais aos povos dominados: medo de serem eliminados, de não terem mais descendência, o medo da morte. Os deuses foram derrotados, a religião era satânica, sua cultura inferior, sua língua bárbara.. Por isto as “*flores murcham*”, a natureza chora porque “*engoliram nossa flor*”. E, além de tudo isto, os conquistadores “*castraram o sol*”. O sol já não aquece, não ilumina, não faz germinar as sementes: o feijão, o milho: comida sagrada! Mas, como mutilaram o sol, este, como que se vinga e deixa de dar vida, calor e sentido à vida humana

*“Cristanizaram-nos,
mas nos fazem passar de um a outros
como animais.
Deus está ofendido com os chupadores”¹¹⁵.*

Os escritos maias revelam o processo de cristianização por parte dos cristãos. Mas, eles percebem que há profunda e radical contradição entre a teoria e a prática dos evangelizadores. O cristianismo prega o amor, o serviço, a partilha, o respeito à toda pessoa humana, mas, os cristãos espanhóis, na prática negam o cristianismo e impõem uma cultura europeia, isto é, todo um modo diferente de ser, de pensar, de agir. Impõem a sua língua, a sua religião, o modo de vestir, de trabalhar, de economizar. Por tudo isto, Dussel afirma que não houve o encontro de duas culturas, mas houve um desencontro, pois os invasores se consideravam superiores, melhores, civilizados, mais desenvolvidos, mais letrados e os outros, os índios eram dominados por satã, tinham uma cultura inferior, menos desenvolvida, rude, bárbara, sempre

¹¹⁵ Portilla, *ibid.*, p. 64.

sujeitos de uma imaturidade culpável e merecedora de dominação, de guerra, de violência sobre o outro ser inferior¹¹⁶.

Além dos relatos maias, podemos citar algumas profecias de Chumayel e Tizimim encontradas no livro de Portilla:

*“Ai! Entristeçamo-nos porque chegaram!
Do Oriente vieram
quando chegaram a esta terra os barbudos os homens ruivos
Pois vêm os covardes brancos do céu, os brancos filhos do céu
“Ai! Entristeçamo-nos porque vieram, porque chegaram os
grandes amontadores de pedras,
ai! Entristeçamo-nos porque chegaram
Este Deus Verdadeiro que vem do céu
só de pecado falará,
só de pecado será seu ensinamento.
Inúmeros serão seus soldados,
Cruéis seus cães bravos.
Ai de vós,
Meus irmãos menores,
tereis excesso de dor,
excesso de miséria
pelo tributo reunido
com violência
Preparai-vos para suportar a carga da miséria que vem sobre
vossos povos”¹¹⁷.*

¹¹⁶ Dussel, 1993, p. 75.

¹¹⁷ Portilla, *ibid.*, pp. 61-62.

Neste relato profético percebe-se os sentimentos dos maias golpeados pelas lanças dos exércitos dos espanhóis. Por isto a nossa insistência em afirmar que veio para as Américas não tanto a religião cristã, mas veio uma cultura de influências cristãs. Pois, como afirma Dussel, os ibéricos trouxeram a Igreja da Cristandade que não é o cristianismo. O cristianismo é a religião cristã e a cristandade é uma cultura, é uma unidade militar, econômica e também eclesiástica¹¹⁸. A Igreja da cristandade é também, segundo Dussel, uma unidade militar, por isto é que os maias denunciam que são inúmeros os soldados e cruéis seus cães bravos.

Outra queixa pungente dos maias é o de terem excesso de dor, excesso de miséria, pelo tributo reunido com violência. Dussel confirma esta realidade dos maias quando afirma: “*O conquistador mata o varão índio e ou o reduz à servidão*”¹¹⁹.

Nesta profecia-poema, os maias repetem três vezes o verbo: “*Entristeçamo-nos porque chegaram*”. Chegaram os que trariam a miséria, a escravidão e a mudança para uma nova cultura imposta, a cultura cristã-européia. A cultura da Igreja da Cristandade, ou da era feudal como vimos em outros instantes no decorrer desta pesquisa. Uma cultura que tornava a vida dos maias triste e explorada pelos trabalhos pesados, pelos tributos, pelas guerras. Enfim, uma cultura cristã que colabora na redução dos indígenas à miséria, à fome. Para confirmar tudo isto, apresentamos outro relato histórico nas palavras do profeta Chilam Balam:

*“Falsos são seus reis,
tiranos seus tronos,
averentos de suas flores.
(...)”*

¹¹⁸ Dussel, 1985, p. 57.

¹¹⁹ Dussel, 1993, p. 52.

*Golpeadores de dia
 afrontadores de noite,
 magoadores do mundo
 (...)
 Não há verdade nas palavras dos estrangeiros.
 (...)
 Que profeta, que Sacerdote,
 interpretará retamente
 as palavras destas escrituras”?*¹²⁰

Os cristãos invasores são caracterizados como golpeadores. Não só isto os vencidos vivem, mas, também acusam os que se dizem de civilizados e cristãos de magoadores do mundo, avarentos, tiranos e falsos. Dussel reforça estas assertivas quando diz que a conquista foi, aqui na América, um processo militar, prático e violento¹²¹.

Os reis, os governantes dos estrangeiros-cristãos são concebidos como falsos. Não só isto diziam dos reis estrangeiros, mas, os caracterizavam como tiranos e avarentos que golpeiam, atraíam de dia e afrontam de noite. Torturam com suas armas, com sua religião, com sua cultura toda a vida dos maias.

Os relatos maias com toda a tragicidade descrita por Chilam Balam de Chumayel, assim expressam:

“Somente pelo tempo louco, pelos loucos sacerdotes, foi que entre nós se introduziu a tristeza, que entre nós se introduziu o cristianismo. Por que muitos cristãos aqui chegaram com o verdadeiro Deus: mas esse foi o princípio de nossa miséria, o

¹²⁰ Portilla, 1985, pp. 64-65.

¹²¹ Dussel, 1993, p. 44.

princípio do tributo, o princípio da esmola, a causa da qual saem a discórdia oculta, o princípio das lutas com arma de fogo, o princípio dos atropelos, o princípio dos despojos de tudo, o princípio da escravidão pelas dívidas, o princípio das dívidas castigadas às costas, o princípio da contínua rixa, o princípio do padecimento. Foi o princípio da obra dos espanhóis e dos padres, o princípio de se utilizar os caciques, os mestres de escola e os fiscais”¹²².

Os maias lançam uma longa série de acusações contra o cristianismo que além de introduzir na vida deles a tristeza, foi o início, o princípio da perda, ao menos em grande parte, de sua identidade, de sua liberdade e de sua dignidade. O ataque, evidentemente, não é especificamente ao cristianismo, mas às atitudes anticristãs de seus representantes. Maduro considera que os indígenas sofreram uma violenta expropriação por meio da força militar muito superior à força indígena e desqualificaram os valores étnicos e religiosos dos povos ameríndios¹²³. Reafirmamos com Brandão que os índios nunca perderam sua identidade étnica numa dimensão de totalidade, pois, “*cada povo, cada pessoa humana, cada ser tem sua identidade singular e grupal*”¹²⁴. Os estudiosos das realidades indígena-americanas sempre demonstraram resistências à sua falência étnico-cultural. Porém, Brandão diz que todo povo que perde mais terras, sua autonomia política, torna-se dependente, tutelado, desestruturado e conseqüentemente perde algo de sua identidade¹²⁵.

Os relatos apresentam cenas de pessoas arrasadas e vencidas, incapazes de reagir contra os escravizadores. As características que os maias

¹²² Portilla, 1985, pág. 65.

¹²³ Maduro, 1981, p. 125.

¹²⁴ Brandão, 1986, p. 42.

¹²⁵ Brandão, 1986, p. 88.

atribuem aos espanhóis são extremamente denunciadoras da vilania impingida a eles pelos invasores que são “tigres”, “gatos selvagens”, sugadores do sangue preciso dos indígenas. É a total negação do outro como diz Dussel, ou encobrimento do outro como outro pois o outro sempre será visto pelos conquistadores como colonizado, como dominado, como explorado e humilhado¹²⁶.

Vamos, no decorrer da pesquisa, confirmando nossas premissas iniciais de que para os nativos das Américas, a invasão significou a perda de sua cultura, de sua identidade, de sua religião, de sua liberdade e a morte de milhões de pessoas. E toda esta dramaticidade era vivida e profundamente sentida pelos povos conquistados em nome da civilização ocidental cristã.

2) A FUNÇÃO SOCIOLÓGICA DA PROFECIA

Os relatos que analisamos demonstram a postura de denúncia que os profetas fazem contra os “*civilizadores cristãos*” e as atitudes suicidas dos índios. Existem relatos em que se afirma que as mães matavam seus filhos para que não caíssem nas garras ou sob as patas dos “*encomenderos*”. No continente americano há relatos de que os portadores da cultura e civilização-cristã-européia mataram milhões de seres humanos julgando prestar um serviço a Deus.

Muitos autores restringem a ação dos profetas e até mesmo sua categorização à esfera religiosa. Para nossa pesquisa, assumimos a categoria profeta como a pessoa que interpreta o presente histórico, a situação vivida pelo povo, e que se compromete com a comunidade, com a história, de acordo com Dussel.

¹²⁶ Dussel, 1993, p. 114.

Durante a invasão dos ibéricos na América Latina surgiram alguns profetas para contradizer muitas atitudes dos “funcionários” ou reprodutores do sistema feudal-religioso que era imposto aos indígenas. Os profetas também, segundo Pierre Bourdieu e Max Weber são

“produtores religiosos implicados em uma estratégia de conquista do poder religioso e (principalmente) capazes de mobilizar setores significativos do público da Igreja contra o monopólio do poder religioso exercido pela última (...);o profeta é aquela pessoa (ou grupo) capaz de fazer explícito o implícito, capaz de unir o desunido, capaz de mobilizar as energias do povo em torno dele, de seu discurso e de seus atos”¹²⁷.

Uma das características do profeta *“é ser um produtor de inovações no campo religioso (inovações discursivas, rituais e/ou organizacionais) (...) Uma inovação religiosa pode ser genuinamente profética (isto é, tendente a subverter a ordem religiosa estabelecida e conseguir transformações no campo religioso), caso em que, via de regra, tal inovação é produzida na periferia do poder eclesiástico”¹²⁸.*

Para Enrique Dussel a palavra profeta vem do grego: profemi = falar diante, profeta é o que fala diante do povo sobre o sentido dos acontecimentos presentes. A concepção de Dussel a respeito do sentido da palavra profeta é mais abrangente do que afirmam outros teóricos sobre o sentido formal do papel de profeta, isto é, a grande maioria se atém à função de anunciar e denunciar no sentido religioso. Vejamos: *“os profetas não só interpretam a palavra escrita, mas têm que interpretar o presente histórico, a palavra vivida. Por isto o profeta é o protótipo do historiador da Igreja. O*

¹²⁷ Maduro, 1981, p. 143.

¹²⁸ Maduro, 1981, p. 143.

*profeta é o que des-cobre o sentido do presente, não a partir de uma ocorrência, mas a partir da lógica da fé, que é a revelação que Deus nos dá da história, da história presente. O profeta é o que toca a realidade e dá sentido ao presente, à realidade*¹²⁹. E reforça dizendo que o profeta oferece sua vida pela libertação dos oprimidos. O autor afirma que o Profeta descobre assim o sentido da história. Clama pelo sentido da história.

Também, o verdadeiro profeta não esquece nunca a determinação que exerce o produtivo, o político, o econômico sobre a autonomia relativa do religioso. E, o que dizer das comunidades, nações que não têm profetas? Dussel afirma categoricamente que *“as instituições eclesiais sem profetismo têm acabado por identificar-se com o corpo social, com as classes dominantes, com o Estado”*¹³⁰. Dussel enriquece sua tese sobre o profeta distinguindo o papel do profeta e do sacerdote. Este, diz Dussel, celebra, o profeta critica, rechaça o processo, solidariza-se com os pobres, com os oprimidos do todo social, não só da Igreja.

Quando a voz de alguns profetas se levanta em defesa da vida, da dignidade dos índios, surgem as divergências, as lutas internas e externas das Ordens e Congregações religiosas: umas a favor da vida dos índios outros a favor da cultura da morte, da guerra justa, da guerra santa que mata e escraviza os sobreviventes.

O Provincial Loaysa intervém e dá ordens aos dominicanos que impelidos pelo Espírito Santo, gritam por justiça, por vida, por respeito aos povos indígenas, se não são capazes de superar a força que vem do alto que voltem *“véngase”* para a Espanha, e então, ele como Provincial mandaria outros Frades cuja consciência cristã fosse sensível às atrocidades, injustiças que se cometiam na América.

¹²⁹ Dussel, 1985, p. 26.

¹³⁰ Dussel, 1983, p. 38.

Ao chegar à América, a Igreja se implantou profundamente relacionada e dependente do poder civil através de diversos instrumentos legais. A este sistema os historiadores denomina de Padroado,. Todos os bispos vinham à América por mandato do rei de Espanha, fazendo um juramento de fidelidade ao rei. *”Haciendo primero de dicho Obispo juramento, ante Escrivano público, de que guardará mi Real patronazgo, y no irá, ni vendrá en cosa alguna contra lo en él contenido”*¹³¹. Este juramento era uma dependência total da Igreja ao governo civil. Além disto, era uma mordaza que impedia à Igreja de levantar sua voz e denunciar as injustiças e opressões contra a sociedade.

Os profetas rompem o juramento, enfrentam as atitudes corruptas e injustas das autoridades civis e tomam atitudes de rebeldia, de desobediência. A própria utilização do latim como língua oficial denota o choque das culturas. Se os índios reagissem, lhes era decretada a sentença que o missionário Frei Vicente propôs a Atahualpa:

*“Y si los negares, sánete que serás apremiado con guerra a fuego y sangre (...) te constriñihemos con la espada a que (dejando tu falsa religión) que quieras que no quieras, recibas nuestra fé católica y pagues tributos a nuestro emperador”*¹³².

Se os índios não aceitassem: fogo neles, se aceitassem pacificamente as imposições dos invasores era motivo suficiente de considerá-los sem organização política portanto boçais e merecedores de escravidão. Entre outras coisas,

¹³¹ Villarroel, Gaspar de. Ap. Dussel, 1993, p. 254.

¹³² Medina, Armas. Ap. Dussel, op. cit. p. 337.

“os índios dev, priam reconhecer a Igreja Católica por Senhora e Superior do Mundo Universal, e ao Sumo Pontífice chamado Papa em seu nome, a sua Majestade em seu lugar, como inferior e Senhor e rei das ilhas e terra firme e se não aceitardes certifico-vos que com a ajuda de Deus entrarei poderosamente contra vós e lhes farei guerra por todas as partes e maneiras que puder e os sujeitarei ao jogo e obediência da Igreja e de sua Majestade, e tomarei vossas mulheres e filhos e os farei escravos e como tais os venderei e tomarei vossos bens e vos farei todos os males e danos que puder, como a vassalos que não merecem nem querem receber a seu Senhor e resistem e contradizem”¹³³.

Neste relato demonstra-se que a invasão dos europeus era a imposição do direito da força e a sujeição à servidão, quando não lhe negavam também o direito de serem pessoas. Podemos, também, apontar mais um obstáculo à liberdade e dignidade do índio que era a “encomienda”. Pela “encomienda” o colono ou o clérigo recebia terras e índios para trabalhar como servos, muitas vezes como escravos em favor do encomendero. Era uma escravidão disfarçada. Também, não podemos esquecer os milhões de indígenas que morreram trabalhando nas minas. A mina de Potosi, por exemplo que o Profeta e Bispo Frei Domingo Santo Tomás Navarrete a denominou como “*la boca del infierno*”.

Os povos astecas interpretaram a “conquista” como um evento trágico: “*No dejaron perecer el recuerdo - su propia visión -, del más impresionante y trágico de los acontecimientos: la conquista hecha por hombres estraños, que acabarían por destruir para siempre sus antiguas formas de vida*”¹³⁴. Em seus relatos, os sobreviventes, se apresentavam como

¹³³ Vidart, *Ideologia y Realidad de América*. Ap. Dussel, op. cit, p. 337.

¹³⁴ Garibay, Angel Ma. et. alii. *Visión de los Vencidos*. UNAM, 1984. P. 12.

um povo dominado interna e extremamente. O grito de guerra contra o Inca Atahualpa e seu exército de 100.000 homens foi dado por um franciscano em 1532 em Cajamarca, Peru. Os incas também sofreram a terrível invasão que arrasou todo o vasto império.

Após a morte do Inca Huayma Cápac o império foi dividido entre os dois filhós Atahualpa e Huáscar. Os invasores encontraram o campo propício pois o reino dos incas estava dividido. Francisco Pizarro e Diego de Almagro acompanhados pelo Padre Frei Vicente invadiram o Peru e se defrontaram com o Inca Atahualpa que vencera e mandara matar seu irmão Huáscar. A 15 de novembro de 1532, os invasores entram na cidade de Cajamarca.¹³⁵

Frei Vicente de Valverde trazia “*na mão direita uma cruz e o Breviário na esquerda*”. E intimou a Atahualpa a adorar a Deus, a cruz e o Evangelho, porque todo o resto era coisa falha. Atahualpa, através do intérprete, respondeu que ele não adorava senão o sol que nunca morre e seus deuses que também tinha em sua lei. O Inca perguntou a Frei Vicente quem lhe havia ensinado a doutrina que pregava. Diante de tais palavras, o frade respondeu que o que ensinava era fundamentado nos textos do Evangelho, o que causou certo transtorno, sendo que Atahualpa “*arremessou o livro que tinha em mãos*”, segundo narra o cronista¹³⁶.

Constata-se aqui o que Dussel afirma como sendo o desencontro de duas culturas, entre os indígenas e os invasores ibéricos. Dussel afirma que é impossível aproximar uma cultura da outra porque as mentalidades eram totalmente opostas¹³⁷.

¹³⁵ O encontro de Atahualpa e Pizarro é narrado dramaticamente por diversos cronistas espanhóis e de modo especial pelo inca Guamán Poma de Ayala que escreveu o livro: “*El Primer Nueva Crónica y Buen Gobierno*” que é uma verdadeira enciclopédia do império quéchua.

¹³⁶ Portilla, *ibid.*, pp. 89-90.

¹³⁷ Dussel, 1985, p. 85.

Nestes relatos sobressaem também a ação daqueles que Bourdieu categoriza como sendo os especialistas, os funcionários da religião como detentores exclusivos da verdade¹³⁸. Nos relatos emerge a figura de Frei Vicente de Valverde como o especialista ou produtor da religião e mesmo da Igreja da Cristandade. Numa atitude impetuosa, este apresenta ao Inca Atahualpa um livro sagrado para os cristãos, mas que, para o indígena, é um objeto desconhecido. No entanto, deveria aceitá-lo incondicionalmente. Desrespeita-se a cultura era outra indígena e sua sabedoria.

Indignado o Frade levanta sua voz e grita, gesticula e dá ordens ao exército de armas de fogo e cavalaria: *“Acudam aqui, cavaleiros, estes índios gentios são contra nossa fé! Ataquem cavaleiros, estes infiéis são contra nossa cristandade e nosso imperador e rei; demos neles”!* A fé novamente aparece entrelaçada com o Estado, na Igreja da Cristandade. Dussel diz que a cristandade era a totalidade histórico-social latino-americana na época colonial. Uma Igreja da Cristandade vinculada com os aparelhos do Estado. Desde coroar reis, abençoar exércitos, julgar dissidentes, participar de funções de coerção¹³⁹. E, assim, conclui Dussel, a Igreja da Cristandade se torna autoritária, burocrática, sacramentalista, clerical, dependente e defensora do Estado e todo aquele que não aceita mergulhar neste nefasto modelo é julgado de herege, de excomungado e executado pelo poder repressor do Estado. E, assim, obedecendo ordens, o exército invasor começou a matar índios como se mata formigas... Morreram tantos índio que ninguém podia contar, segundo a narrativa de Portilla.

Atahualpa é feito prisioneiro e é cobrado ouro e pedras preciosas para o resgate. Foi condenado à morte. E, a 29 de agosto de 1533 o Inca Atahualpa morria justificado pelos crimes que não cometera. *“Foi degolado e sentenciado e mandou cortar-lhe a cabeça Dom Francisco Pizarro(...) e*

¹³⁸ Bourdieu, 1988, p 39 e Maduro, 1981, p. 120.

¹³⁹ Dussel, 1983, pp. 73 e 77.

morreu mártir, cristianissimamente, na cidade de Cajamarca acabou sua vida”¹⁴⁰. Poma afirma que, depois da conquista, vieram o roubo de mulheres e donzelas, prenderam Cápac Apo Huamanchaua, segunda pessoa do Inca, muito velho e os demais grande senhores. Prenderam-no pedindo-lhe ouro e prata interessados e cobiçosos em ouro e prata os conquistadores.¹⁴¹

Guamán Poma que escreve num castelhano misturado de quéchua, pois, ele é um indígena que peregrina pelos vales e montanhas de seu querido Tahuantisuyu, isto é, a terra dos quatro quadrantes para os incas, presença, como andarilho, os saques e roubos dos cristãos conquistadores da Igreja da Cristandade. Mas, o que aumenta a vergonha desses cristãos, segundo Poma, é o desrespeito com a mulher e com a donzela estuprando-as e matando-as como cachorros, e ele conclui dizendo que não havia justiça nos vencedores. Dussel afirma que o conquistador mata o varão índio ou o reduz à servidão, numa moral dúbia implantada nas Américas desde a conquista¹⁴².

Os relatos nos mostram o rosto dos vencidos incas. Citaremos o Titu Yupanqui, filho de Manco III que ocupou o trono inca em Vilcabamba de 1557 a 1570. O inca ditou a Frei Marcos Garcia as humilhações e ofensas ao seu povo, em especial as recebidas pelo seu pai Manco II, e pede ao Pe. Garcia que faça chegar suas queixas até Felipe II, em cuja justiça diz ter confiança. O agostiniano Frei Marcos Garcia foi relativamente fiel ao ditado de Yupanqui, mas, encontram-se também distorções da realidade, principalmente quando entra na dimensão teológica, pois justifica o injustificável¹⁴³.

Titu Cusi ao referir-se à prisão de Atahualpa em Cajamarca acusa a insensibilidade dos invasores e diz

¹⁴⁰ Ayala, Felipe Guanán Poma de. *El Primer Nueve Crónica y Buen Gobierno*. Ap. Portilla, op. cit, pp. 112 e 113.

¹⁴¹ Ibid. p. 115.

¹⁴² Dussel, 1993, p. 52.

¹⁴³ Portilla, 1985, pp. 120-123.

“Não tomastes duas casas de ouro e prata?(...) Não fostes, por acaso bem tratados? Não vos deu casas e assentos, criados e mulheres e sementeiras? Não chamou toda sua gente para que vos pagasse tributos? Não vos pagaram tributos? Sim, naturalmente(...) A nós, os principais, e a toda a gente, não tendes tirado nossas mulheres e filhos e filhas? E diante de tudo calamos!(...) O que mais quereis? Todas as vezes que haveis dito dá-me ouro, dá-me prata, junto isto, junta aquilo, não o fez, sempre até vos dar seus próprios criados que nos sirvam?(...) Toda gente desta terra está de tal maneira escandalizada e amedrontada de ver vossas coisas que já não sabem o que dizer nem aonde ir porque, em primeiro lugar, se vêem sem seu rei (...) sem suas mulheres, seus filhos, suas casas e suas “haciendas”, suas terras (...), estão em tanta tribulação que não lhes resta senão enforcar-se ou lançar-se na desgraça”¹⁴⁴.

Todos estes relatos confirmam aquilo que classificamos outrora como sendo o desprezo à cultura, a prática da dominação, da negação do outro, como afirma Dussel, e também do tributo, da exploração da mulher, da ganância de riquezas e da imposição de sua política que foi praticada com os astecas e maias. O povo inca vencido pelos conquistadores se vê sem seu rei, sem suas mulheres, seus filhos, casas, fazendas, sem suas terras. Não só o Inca Yupanqui relata o suicídio, o desespero dos indígenas do Peru, mas também os profetas denunciaram as torturas, mortes, suicídios de índios em toda a ameríndia por causa das atitudes perversas dos invasores ibéricos que desfiguraram o rosto, a dignidade dos povos indígenas de toda a ameríndia. O

¹⁴⁴ Yupanqui,. Titu Cusi. *Relato a Frei Marcos Garcia*. Ap. Portilla, 1985, pp 120-123.

recurso ao suicídio foi amplamente adotado pelos indígenas, como forma de não se renderem ao poder os conquistadores.

Em língua quéchua, o autor da “*Tragédia do Fim de Atahualpa*” narra a tragédia como memória e reflexo dos sentimentos daqueles que, descendentes dos vencidos quéchuas, guardaram a triste lembrança da destruição do seu império-Inca. No relato, Atahualpa diz a Pizarro:

“Barbudo inimigo, homem vermelho, de onde chegas extraviado, a que vieste, que vento te trouxe, o que é que queres aqui em minha casa, aqui em minha terra?”

No caminho que percorreste não te queimou o fogo do sol, e o frio não te atravessou, e o monte afastando-se de teu caminho, não te esmagou sob suas pedras, e, abrindo-se a teus pés, a terra não pôde te sepultar, e o oceano, te envolvendo, não te fez desaparecer.

De que maneira vieste

E o queres comigo?

Vai-te, regressa a teu país antes que se levante esta minha dava de ouro e termine contigo.

Inimigo barbudo, já te disse que voltes a tua terra”¹⁴⁵.

Atahualpa afirma que o inimigo barbudo, o ruivo, o huiracocha, não voltou para seu país. E, o autor da *Tragédia* concluiu:

“Sob estranho império, acumulados os martírios, e destruídos. Perplexos, extraviados, negada a memória, sozinhos; morta a sombra que protege,

¹⁴⁵ Portilla, *ibid.*, p. 130.

*choramos;
sem ter alguém ou aonde nos voltar,
estamos delirando.
Suportará teu coração,
Inca,
nossa errante vida
dispersada,
pelo perigo sem conta,
cercada, em mãos alheias,
pisoteada?*¹⁴⁶

Os incas percebem-se desvalidos, impotentes diante do agressor. Este nega ou destrói a memória, a cultura, isto é, o modo de ser, de sentir e de viver sua história. Por tudo isto eles dizem: “choramos! Estamos delirando, estamos sem rumo, vivendo um imenso vazio que dificilmente nosso coração suportará! Nossa vida está pisoteada! Nossa identidade-cultural vai, aos poucos, se diluindo nas trevas da incerteza! Tudo isto foi, como afirma Dussel, um choque violento de duas culturas que há 500 anos se desencadeou devastadoramente no mundo das Américas¹⁴⁷ .

A Igreja sempre teve no decorrer dos séculos seus Profetas. Na América Latina a Igreja também teve seus mártires. E, pelo fato de serem Profetas em geral, acabaram vencidos pelas forças daqueles que se colocaram contra a dignidade e libertação do índio.

¹⁴⁶ *Tragedia del fim de Atawallpa*. Ap. Portilla, op. cit, p. 136.

¹⁴⁷ Dussel, 1993, p. 64.

3) ALGUMAS REFERÊNCIAS HISTÓRICAS DE PROFETISMO NA AMÉRICA LATINA

3.1) FREI ANTÓN DE MONTESINOS E FREI PEDRO DE CÓRDOBA

Bartolomeu de Las Casas relata as atitudes proféticas dos dois primeiros frades dominicanos. Las Casas testemunhou presencialmente as posturas de denúncia destes frades que aqui os mencionamos como profetas da América.

Em 1510 chegam à Espanha quatro frades dominicanos após 20 anos de imposição pelas armas de uma soberania estrangeira e de uma cultura totalmente diferente para os índios. Nos primeiros 20 anos os índios trabalhavam como escravos nas minas. Muitos já haviam sido mortos nas investidas dos invasores. Além disto, a fome, a doença o esgotamento nos trabalhos forçados, os traumas psíquicos oriundos dos suicídios e a morte dada às crianças pelos próprios pais que não queriam que futuramente caíssem nas garras anti-humanas dos cristãos.

Las Casas que conheceu e conviveu com os dois frades descreve:

“Pedro de Córdoba era hombre lleno de virtudes y a que Dios nuestro Señor dotó y arreó de muchos dones y gracias corporales y espirituales... Alto de cuerpo y de hermosa presencia era de muy excelente juicio, prudente y muy discreto naturalmente y de gran reposo”. “Y Fray Antón de Montesino, amador tambien del rigor de la religión, muy religioso e buen predicador”¹⁴⁸.

Assim que chegaram, os dominicanos conviveram com o cativoiro que os índios viviam. Viram logo a exploração dos espanhóis que os

¹⁴⁸ Ap. Portilla, 1982, p. 13.

consideravam como animais sem proveito. Os dominicanos começaram a confrontar o direito com a realidade vivida. Decidiram de comum acordo denunciar as atrocidades e vilanias contra seus irmãos indígenas. Pedro de Córdoba, superior, mandou que Frei Antônio pronunciasse um sermão denunciador a todo povo e autoridades da ilha. Os doze frades em conjunto redigiram o sermão para que Frei Montesino, grande orador, pronunciasse na igreja em nome de todos.

3.1.1) OS DOIS SERMÕES DE FREI ANTÓN

Las Casas, que ouviu os dois sermões, nos relata que no dia 30 de novembro de 1511, foi lido um trecho do Evangelho de São João, no qual faz-se referências aos fariseus que perguntam quem era João Batista, ao que responde: “*Eu sou a voz que clama no deserto*”¹⁴⁹. Os Frades convidaram a população em geral, os encomendeiros, os oficiais-reais, os juristas e o almirante Diego Colón, para a Missa dominical. Las Casas que também se faz presente, resume o sermão:

“Con que derecho se tiene en cruel y horrible servidumbre a los indios? Con que autoridad se les ha hecho la guerra a gentes pacíficas que viviam sus propias tierras, hasta casi cosumilos? Y acaso se justifica y que se les bautide cosas con las que tampoco se cumple?... Pregunta se los indios no tienen por ventura ánimas racionales, y, por tanto, debe ser amados y respetados como iguales. Sólo lo la ceguera y uma especie de sueño letárgico explicar la actitud de quenos tanto han habusado do los indios(...)” Por todo esto, no os podéis más salvar que los

¹⁴⁹ Esta citação bíblica é encontra em João, 1,23.

*maros o turcos que carecem y no quierem la fe de Jesu Cristo*¹⁵⁰.

Esta foi a primeira reação profética registrada nas terras latino-americanas. Causou reações e revoltou de modo especial as autoridades de Santo Domingo. Encontrou ressonâncias repulsivas nos conquistadores que viviam na cegueira. Com coragem de profeta, Montesinos lhes diz:

“Yo soy voz de Cristo en el desierto desta isla... conviesse que la orgáis, la cual voz os será la más nueva que nunca oísteis, la más áspera y dura y más espantable y peligrosa que jamás no pensás teis oír... Esta voz que todos estais en pecado mortal. Decid, con qué derecho y con que justicia teneis en tan cruel y horrible serviadumbre aquestos indios? Con que autoridad habéis hecho tan detestables guerras a estas gentes que estaban en sus tierras, mansas y pacíficas, donde tan infinitas dellas, con muertes y estragos nunca oídos, habéis consumido? Cómo los tenéis tan opresos y fatigados, sin dalles de comer, ni curallos en sus enfermedades, que de los excesivos trabajos que les dais incurren y se os mueren, y por mejor decir, los matais, por sacar y adquirir oro cada día? Y qué cuidado tenéis de quin los doctrine, y conoscan a su Dios y criador, sean bautizados, y oigan misa, guarden las fiestas y domingos? Estos no son hombres? No tienen ánimas racionales? No sois abligados a amallos como a vosotros mismos? Esto no entendéis? Esto no sentís ? Como estáis en tanta profundidad de sueño tan letárgico dormidos? Tened por cierto que en estado que estáis no os

¹⁵⁰ Montesinos, Antón, Ap. Portilla. op. cit, p .24.

podéis más salvar que los moros o turcos que carecem y no quieren la fe de Jesucristo.”

O sermão de Montesinos foi de uma força avassaladora, atingindo o espírito dominador dos invasores. Conforme já citamos, por cultura entendemos a forma de vida, de pensar, sentir e acreditar de um povo¹⁵¹. E, por dominação, entendemos o ver no outro o negativo e o intrinsecamente perverso e por tudo isto reduzi-lo à servidão¹⁵². Las Casas que ouvira e presenciara o fato histórico da emergência da profecia na América, relata que muitos ficaram atônitos, mas não houve mudanças significativas de comportamento e de tratamento conforme se esperava após o gesto profético¹⁵³.

Pelo contrário, continua Las Casas, o murmúrio foi intenso e denso; os atingidos juntam-se à casa do Almirante Don Diego Colón, filho de Cristovão Colombo, os oficiais do Rei, tesoureiro, contador e combinam ir ao convento e repreender e amedrontar o profeta Antônio e os demais confrades. Ameaçam castigá-lo como homem escandaloso, semeador de nova doutrina, nunca ouvida, condenando a todos, e que havia falado contra o Rei e seu senhoria que tinha nas Índias, afirmando que não podiam possuir índios, de vez que foram dados pelo rei e estas eram coisas gravíssimas e irremissíveis.

Montesinos decreta uma tomada de posição obrigando ao Frade desdizer ou desmentir, colocando-se contra o Rei e contra todos os interesses dos cristãos. Eles haviam conquistado aquelas ilhas com muitos trabalhos e que tinham subjugado os infiéis que possuíam (legitimamente), segundo as palavras de Las Casas.

¹⁵¹ Geertz, 1973.

¹⁵² Dussel, 1993, p. 60.

¹⁵³ Casas, op cit., p. 24.

O Frei Pedro, superior da casa, disse-lhes que a pregação de Montesinos não era somente dele, mas, era da vontade e consentimento seu e dos demais confrades dominicanos. E, que o conteúdo era necessário à “*salvação*” de todos os espanhóis e índios da ilha que eles viam perecer todos os dias e que os espanhóis não cuidavam dos índios. Os frades, tinham, por missão, pregar a verdade. Os dominadores não aceitaram as razões dos frades e impuseram-lhes a retratação, no domingo seguinte, de tudo o que haviam denunciado, chegando a ameaçarem-nos expulsão da Ilha e voltarem para a Espanha.

Frei Córdoba consentiu em dar uma resposta no domingo seguinte, 7 de abril de 1511. As autoridades, encomenderos e outros representantes da sociedade civil saíram do pobre convento com a certeza, depois de tantas acusações e ameaças, de que os frades negassem tudo o que haviam dito por meio de Montesinos.

No domingo seguinte todos comparecerem à igreja para ouvir o desmentido do frade. Chegada a hora do sermão, conta-nos Las Casas, Frei Antônio subiu ao púlpito. E, ao iniciar seu sermão, narra que, sem nunca pedir licença aos grandes e injustos, Montesinos reafirmou e fundamentou com mais razões ainda tudo aquilo que havia dito no domingo passado. Insistia de que era injusto e tirânico ter aquelas gentes índias oprimidas e castigadas; tornando a repetir que os escravistas não poderiam se salvar naquela situação de pecado mortal. E que ninguém seria absolvido em confissão até que libertasse os índios daquela servidão. E que não lhes importariam as denúncias junto ao Rei de Espanha. Acabado o sermão, o frade voltou à sua casa e todo o povo na igreja ficou em alvoroço, muito mais indignado contra os frades dominicanos. O povo e as autoridades abandonam os frades. Já não os ajudam em suas necessidades. Escrevem ao Rei de Espanha denunciando os dominicanos que haviam semeado doutrina nova e que foram condenados para o inferno porque possuíam os índios e porque se serviam deles nas

missas e outros trabalhos, contra tudo aquilo que Sua alteza o Rei tinha ordenado e que a pregação dos frades objetivava tirar do Rei o senhorio e suas rendas que tinha por suas terras¹⁵⁴.

O profeta Montesinos toma a defesa do órfão e da viúva. Denuncia ser injusto e tirânico ter os índios oprimidos. Além de interpretar a palavra escrita como afirma Dussel, o profeta interpreta o presente histórico, a palavra vivida. O profeta dá sentido ao presente, à realidade¹⁵⁵, e a realidade que os índios vivem é desumana e injusta. Por isto o papel do profeta é denunciar o mal e anuncia o bem, a libertação.

O Rei Fernando, o Católico, recebe as denúncias e responde dizendo que Frei Antônio “*não tinha nenhum fundamento de teologia nem cânones. Reuni, diz o Rei, o conselho e muitos letrados e teólogos e canonistas, em vista a graça e doação que Nosso Mui Santo Padre Alexandre(...) sexto nos fez aconselharam-nos que se ordenasse o que está ordenado*”¹⁵⁶.

Montesinos volta à Espanha e tem audiência com o Rei Fernando. Ao Rei expõe toda a situação de morte que os índios vivem e que o sermão havia sido assinado por seu prelado e por todos os letrados teólogos de seu convento e que ele pronunciou aquele célebre sermão por obediência. O rei aceita as justificativas do Frade e que tomaria as devidas diligências para amenizar a situação indígena na América.

O superior Frei Pedro de Córdoba também seguiu à Espanha para “*dar cuenta de todo a sus prelados e al Rey y para ayudar, si fuese menester, al padre Fray Antón*”¹⁵⁷.

¹⁵⁴ Casas, op. cit. pp. 26-27.

¹⁵⁵ Dussel, 1985, p. 26.

¹⁵⁶ Ibid. p. 27.

¹⁵⁷ Casas, ibid., p. 17.

Montesinos e Córdoba regressam a Santo Domingo. Frei Pedro adoece e falece em 1525. Las Casas narrou a pregação de Montesino na despedida de seu venerando superior que deu a vida na defesa dos indígenas.

Montesinos continua na luta encetada em 1511. Volta a sua terra natal. Faz reuniões. Mas, como profeta-vencido, não desanima e ao retornar a Santo Domingo decide ir salvar os índios em terra firme, isto é, na Venezuela. Ao chegar na Venezuela, Maracabo, onde os alemães haviam tomado conta da região. O Frade percebe que aqui também a vida, a cultura dos índios eram pisoteados pelos alemães, de modo especial pela família Wesler, o profeta levanta sua voz, não pede licença aos ruivos alemães e proclama a vida, o respeito ao menor, ao desvalido índio. Assim, Montesinos entra em combate, o bom combate, contra os exploradores alemães, mas, como é mais fraco, *“Fray Antón murio en Venezuela el 27 de junio de 1540 dícese que envenenado por los Welser”*¹⁵⁸.

Morreu o primeiro Mártir e Profeta da América. Sua pessoa e suas obras marcaram a História Latino-Americana. Seu humanismo, sua sensibilidade pelo sofrimento alheio o tornaram o pioneiro, o desbravador de caminhos para os profetas que ainda viriam.

3.2) BARTOLOMEU DE LAS CASAS

Os espanhóis, antes de invadirem o México (1519), haviam invadido as ilhas do Caribe e parte da América Central. Os antecedentes da conquista mexicana são, em parte, descritos por uma testemunha que acompanhou os primeiros passos na ilha espanhola, em Cuba, onde foi “encomedero”, isto é, que recebera terras e índios como escravos; e que mais

¹⁵⁸ Fernandez, Manuel Giménez. El Plan Cisneros – LAS CASAS para la Reformación de las Indias. Ap. Portilla, op. cit, p.. 22.

tarde se tornaria Bispo de Chiapas, e o maior profeta da América. Falamos de Bartolomé de Las Casas¹⁵⁹.

Assim Las Casas descreve os índios:

*“Os índios, criados por Deus são simples, sem maldade, nem doblez; são pessoas que não querem possuir bens temporais, e que não são soberbas, nem ambiciosas, muito capazes e dóceis para toda a boa doutrina, aptíssimos para receber nossa santa fé católica e dotados de virtuosos costumes, são ovelhas mansas”*¹⁶⁰.

Las Casas veio para a América como clérigo secular¹⁶¹. Participou com os colonos da devastação da cultura e da vida dos índios. É ele sua autoria o relato dos Sermões de Montesinos. Foi o primeiro padre que cantou sua primeira missa na Ilha La Española, hoje conhecida como Santo Domingo, na Igreja de La Vega, em 1511. Relacionava-se com os dominicanos. Em 1513, como capelão da expedição de Panfilo de Narvaez, parte para a ilha de Cuba. E, lá em Cuba aceita um “*repartimiento*” de índios, isto é, recebe terras que já haviam antes sido propriedades dos índios. Junto com as terras, recebe também um grupo de índios para trabalhar para ele.

Mas, em 1514, estando Las Casas se preparando para celebrar a Eucaristia, lê o capítulo 34,21-27 do livro do Eclesiástico, que assim se expressa:

¹⁵⁹ Citaremos suas denúncias e relatos conforme um dos livros de sua autoria que se chama *Brevisima relación de la destrucción de las índias*. Inúmeras vezes Bartolomeu diz que viu, acompanhou e deu testemunho.

¹⁶⁰ Casas, 1951, pp. 33-34.

¹⁶¹ Esta expressão é utilizada para referir-se aos padres que não possuem vínculos jurídicos com alguma Congregação Religiosa e cujo dever de obediência e relação direta se dá com o bispo de uma diocese.

“O sacrificio de bens injustos é uma oferta manchada: os dons dos iníquos não são bem aceitos. O Altíssimo não se compraz nas oferendas dos índios... “imola o filho na presença do pai que oferece sacrificio com os bens dos pobres. O pão dos indigentes é a vida dos pobres: quem dele os priva, é sanguinário. É assassino do próximo quem lhe rouba os meios de subsistência; derrama sangue que priva o assalariado de seu salário”.

Las Casas faz uma reflexão sobre as conseqüências da interpretação desta leitura diante dos fatos concretos de sua apropriação indevida das terras dos índios e do sistema escravista, com o qual ele próprio estava relacionado. Reconhece que aqueles bens eram índios. Daquele dia em diante, Las Casas, reconhecendo-se também participante de um sistema com o qual não comungava, suspendeu suas atividades religiosas, não mais celebrou a missa e iniciou uma luta de devolução da liberdade e das terras indígenas. Em 1523 ingressou na Ordem dos Frades Pregadores Dominicanos, unindo-se ao Freis Córdoba e Montesinos na luta pela gualdade, pelo respeito e dignidade para com as pessoas humanas.

Assumem uma causa sem cogitar a possibilidade de antes analisar suas conseqüências. Las Casas inicia sua grande marcha pela América. Entre a América e Espanha viajou mais de dez vezes. Começou uma ação de conscientização nas mansões de Cardeais, Bispos e de todos os que poderiam colocar-se à disposição em defesa dos índios. Dialogou com teólogos, filósofos que justificavam, por sua vez, escravidão.

Las Casas foi eleito Bispo de Chiapas, região pobre de índios desvalidos. Une o clero e decreta que nenhum sacerdote poderá absolver allguém que se apropria indevidamente das terras dos índios. Para tanto, quem o fizesse tinha que se libertar os índios e devolver-lhes as terras roubadas para obter o “perdão dos pecados”. Iniciou-se, até mesmo por parte do clero, um

movimento de rebeldia contra o bispo. Isolam os frades dominicanos no convento e os ameaçam de morte. Após seis meses de governo da Diocese de Chiapas, Las Casas dirigiu-se à cidade do México onde pediu apoio ao bispo do México Juan de Zumarraga e a outros prelados. Pouco ou nada, consegue. Decidiu retornar para a Espanha em 1546 e desde então não mais regressou à América. Em Sevilha publicou em 1552 a “*Historia de las Indias*”. Escreveu também: “*Apologética*”, “*La Brevíssima relación de la Destrucción delas Indias*” entre outros.

Sabemos, e no capítulo sobre os profetas vencidos na América falaremos de Las Casas a respeito dos repartimentos e que também ele, pela participação das guerras contra os índios recebeu em recompensa rendosos “repartimentos”, principalmente em Cuba, onde Las Casas encontra índios que fugiram das garras dos colonos de Santo Domingo, comandados pelo cacique Hatuey. Mas lá em Cuba também eram perseguidos e explorados. Hatuey pergunta:

“você sabem por que estes cristãos são cruéis e maus? Eles tem um deus que adoram e lhe querem muito bem, e por isso nos fazem trabalhar e subjugar e em nome dele nos matam. Este deus para os cristãos é ouro (...) Encheram um cesto de ouro e jóias e Hatuey disse: aqui está o deus dos cristãos. Façamos para o agradar Areytos, isto é, bailes e danças e este deus dos cristãos mandará que não nos façam mal. Todos os índios houveram por bem dançar ao redor do cesto cheio de ouro e de jóias até se cansarem. Em seguida lançaram o cesto num rio”¹⁶².

¹⁶² Casas, *ibid.*, pp. 46 e 47.

Las Casas narra que Hatuey era corajoso, valente. Fugia das garras dos colonos. Por fim, caiu nas mãos dos invasores e foi condenado à morte por ter fugido e a sentença foi de morrer na fogueira. Las Casas descreve este momento:

“Atado a um poste de madeira, um religioso de São Francisco lhe dizia: Se quisesse crer em algumas coisas de Deus e da nossa fé iria para o céu: onde havia glória e eterno descanso e senão que havia de ir para o inferno a padecer perpétuos tormentos e penas (...) Hatuey pensando um pouco, perguntou ao religioso se os cristãos iam ao céu? O religioso franciscano respondeu que sim, porém iam para o céu os que eram bons. O cacique lhe respondeu sem pensar, que ele não queria ir para o céu senão para o inferno para não estar onde estivessem e para ver tão cruel gente”.

Las Casas conclui: *“Esta es la fama y honra que Dios e nuestra fee há ganado com los christianos que han ydo a las yndias.”*

Bartolomeu narra que em terras cubanas, após percorrerem dez léguas, os índios os receberam cordialmente com grande quantidade de peixes e pão e comida e com tudo o que tinham. *“Subitamente se les revestio el diablo a los christianos e meten a cuchillos en mi presencia (sin motivo ni causa que tuviessen) mas de tres mil animas que estavam sentados delante de nosotros hombres y mugeres e niños. Alli vide tan grandes crueldades que nunca bivos vieron, ni pensaron ver”!*¹⁶³

Em 1544, Las Casas redigiu seu testamento. Em julho Las Casas morre em Madrid no convento de “Nuestra Señora de Atocha” com a idade de

¹⁶³ Ibid, pp. 47 e 48.

91 anos, vendo seus ideais ridicularizados; seu índios pisoteados pela ganância dos invasores; suas experiências de Comunidades de índios independentes tanto na Venezuela como na Guatemala totalmente falidas e invadidas pelos conquistadores.

Las Casas e os profetas vencidos pretendiam, na verdade, uma sociedade em que prevalecesse a partilha dos bens, a fraternidade e igualdade entre todos. A perseguição, calúnia foi uma constante na vida dos verdadeiros profetas. Segundo a recorrência bíblica, a perseguição faz integra a missão cristã.

Segundo nossa análise, Bartolomeu de Las Casas foi o maior dos profetas vencidos do continente americano. Um profeta que lutou, após sua conversão até morrer aos 91 anos de idade em defesa da vida dos índios.

3.2.1) O CONTEÚDO DA PROFECIA EM LAS CASAS

Em sua Apologia 295, o profeta e “*Protetor Universal dos Índios*” condena as chamadas “*guerras justas e santas*” contra os índios cujo objetivo era o ouro, as riquezas das minas e os frutos da terra. E o Profeta pergunta aos espanhóis: “*Por acaso agradarão aos olhos da divina piedade esses nossos sacrifícios...Essas coisas são alheias à doutrina de Cristo e aos exemplos dos apóstolos e não são agradáveis senão aos cruéis e desumanos ladrões ou a certos inimigos da doutrina de Cristo, os quais, a seu modo, justificam Sodoma*”¹⁶⁴.

O *Profeta da América* além de chamar de ladrões, cobiçosos aos invasores, aponta um termo-chave que diz quase tudo o que aconteceu com a vinda dos conquistadores: Destruição, isto é, “*morte precoce e injusta dos índios, implicando também o aniquilamento das culturas autóctones e a*

¹⁶⁴ Casas, *ibid.*, 1981.

*devastação do mundo natural... “ouro e morte, cobiça e destruição são termos, situações que Las Casas não se cansará de questionar”*¹⁶⁵.

Quanto à destruição, Las Casas diz que *“os espanhóis se arremessaram no mesmo instante em que os conheceram; e como lobos, como leões e tigres cruéis, há muito tempo esfaimados, de quarenta anos para cá, e ainda hoje em dia, outra coisa não fazem ali senão despedaçar, matar, afligir, atormentar e destruir esse povo por estranhas crueldades (como vos farei ver depois;) de tal sorte que três milhões de almas que haviam na ilha Espanhola e que nós vimos, não há hoje de seus naturais habitantes nem duzentas pessoas”*¹⁶⁶. Há nesta denúncia uma cadência nas palavras que estigmatizaram os espanhóis com suas atitudes extremamente selvagens. Vieram para impor uma cultura estranha aos povos que aqui habitavam.

A cultura da Igreja da cristandade, segundo Dussel, é uma orientada pelo Cristianismo, mas que não é o Cristianismo, pois o cristianismo é uma religião cristã que transcende toda a cultura¹⁶⁷. E a cultura se refere aos conhecimentos humanos, suas crenças, artes, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade¹⁶⁸.

Bartolomeu denunciou também: *“Podemos dar conta boa e certa que em quarenta anos , pela tirania e diabólicas ações dos espanhóis, morreram injustamente mais de doze milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças”*. Las Casas diz que os espanhóis usaram duas formas de extirpar os índios e os povos que aqui habitavam. Uma foi a guerra *“injusta, cruel, tirânica e sangrenta”*. E a outra foi a morte de todos aqueles que podiam ainda pensar em recobrar a liberdade. Nas guerras sobreviveram, segundo Las Casas, apenas as crianças e mulheres e, depois, oprimem os mesmos com

¹⁶⁵ Gutiérrez, 1993, p.143.

¹⁶⁶ Casas, 1981, pp. 34-35.

¹⁶⁷ Dussel, 1985, pp. 51-57.

¹⁶⁸ Tylor, *ibid.*, 1973.

servidão. Denuncia que a única causa pela qual os espanhóis destruíram um número imenso de pessoas foi unicamente o ouro.¹⁶⁹

Las Casas diz que aos poucos os índios das Américas começaram a perceber que os conquistadores não eram filhos dos deuses. Tentaram, então, reagir e enfrentar os brutos animais selvagens com suas flechas, com suas armas extremamente frágeis diante da cavalaria e armas de fogo que os espanhóis, portugueses e outros usavam para derrotar os índios. Na História do Brasil os Bandeirantes são apresentados como os heróis dos vencedores.

“Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as mulheres grávidas e parturientes em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil. (...) Arrancavam os filhos dos seios da mãe e lhes esfregavam a cabeça contra os rochedos, enquanto que outros os lançavam à água dos córregos rindo e caçoando... Outros passavam mães e filhos a fio de espada... a outros queimavam-nos vivos... a outros cortavam-lhes as mãos... Eu vi as coisas acima referidas e um número infinito de outras; os índios que podiam fugir ocultavam-se nas montanhas... os espanhóis ensinavam cães a fazer em pedaços um índio à primeira vista”¹⁷⁰.

Pela descrição de Las Casas podemos deduzir que os conquistadores eram também exímios torturadores. O frade profeta afirma que os espanhóis nunca tiveram motivos de mover guerra contra os índios. Todas as guerras dos invasores foram guerras historicamente consideradas como

¹⁶⁹ Id. Ibid., pp. 35 e 36.

¹⁷⁰ Casas, ibid., pp. 37-39.

injustas¹⁷¹. Aqui estão algumas denúncias que o grande profeta Las Casas deixou-nos nos seus escritos. Poderíamos transcrever milhares de denúncias que Las Casas fez no decorrer de 60 anos de lutas em prol da vida, da cultura, da dignidade dos povos indígenas das Américas.

3.3) ANTÔNIO DE VALDIVIESO

O profeta é aquele que rompe com as estruturas, que nega o "*Jus patonatus*", o Conselho das Índias, à Igreja de cristandade onde os fins do Estado são o mesmos da Igreja acorrentada aos interesses da classe de poder e dominação política. Na Igreja de cristandade, esse modelo que veio para as américas, "*as leis canônicas, conciliares são também leis do Estado; por isto o Estado se arroga o direito de aceitar ou repelir as leis eclesiásticas, dar ou não vigência na sua jurisdição... o Consejo de Índias exercia ao mesmo tempo o governo eclesiástico e civil da América*"¹⁷².

Antônio de Valdivieso em Nicarágua rompeu com juramento feito ao Rei de Espanha e com o "Conselho das Índias", e principalmente rebelou-se contra "*la encomienda*", o ato de apropriar-se das terras indígenas e tornar os índios servos dos colonos espanhóis. O Bispo de Valdivieso chegou à Nicarágua em janeiro de 1544. Escreveu denunciando os opressores dos índios. No mesmo ano de sua chegada, em junho de 1544, escreveu que encontrou a terra inquieta por causa das velhas paixões. O inimigo número um era a família dos Contreras, e um deles era o governador na Nicarágua. Os Contreras possuíam ou melhor roubaram muitas terras e índios. Valdivieso diz que no início de suas atividades pastorais alimentava a esperança de realizar muito em seu favor, "*porém imediatamente perdeu a esperança*" (carta de 20 de set. de 1545). Valdivieso desde o início perdeu a fé no Consejo de Índias, então escreve diretamente ao Rei e lhe fala das injustiças

¹⁷¹ Id. Ibid. p. 44.

¹⁷² Dussel, 1983, pp. 245-246

que se cometiam contra os índios. Isto significava correr riscos contra sua própria vida. O próprio Dom Antônio na carta de 20/07/1544, dizia:

"Son tan sospechosas mis cartas en estas partes(...) que no solo se teme que acá serán perdidas según la costumbre que se sabe imponer, pero aun llegadas a esos Reinos(de Espanha) se teme hayan persecuciones; -por esto escribo de prisa ésta para qe Vuesta Majestad tenga noticia(...) de la gran necesidad que hay en estas partes de buenas justicia."

Valdivieso, sensível aos maus tratos sofridos pelos índios, se torna sensível também à revolta surda que parte das autoridades, dos encomendadores por ele se colocar ao lado dos oprimidos e dos opressores. O Bispo-profeta percebe que apesar de sua solidariedade, de seu apoio aos índios, eles "*están cada día más oprimidos*". A classe dominante do povo de Deus trabalhava na escuridão e tentava afastar os oprimidos do redil do bom pastor. Os inimigos de Valdivieso criaram um clima em torno dele que "*dieran toda la ocasión posible para que mis ovejas me echasen de si como los de Chiapa havia sofrido sofrido por parte dos encomenderos*". Temos parte de sua carta de 11/11/1545 em que foi até o bispo de Chiapas para pedir ajuda para a provincia¹⁷³. Este bispo de Chapas era Las Casas e realmente, como nos referimos a Las Casas, seu colega Valdivieso o confirma em seus escritos. Ambos procuram a liberdade, a vida dos índios e por isto são perseguidos e vencidos nos campos de batalha em prol da justiça e dignidade humanas.

Mas, Valdivieso não desanima diante das torturas morais e psíquicas que todos os dias lhe são assacadas pela cainçalha sempre pronta a

¹⁷³ Dussel, *ibid.*, p. 261.

dilacerar os mansos cordeiros, ele, Valdivieso não abandona seu trabalho: *"ando visitando mi obispado y tengo visto la myor parte de el y visito cada anima por si para conocer el rostro de mis ovejas"*¹⁷⁴.

O biógrafo Gonzales Dávila nos relata o martírio de Valdivieso:

*"Sucidió que predicando a favor de la liberdade de los índios, reprendió a los conquistadores y gobernadores, por los malos tratamientos que haciam a los índios. Indignáronse tanto contra l que se lo dieram a entender com obras e com palabras(...) Entre los soldados que habian venido des Perú a esta tierra descontentos, habia um Juan Bermejo, hombre de mala intención. Este se lizo de parte delos hermanos Contreras. Salió acompañado de algunos(...) e se fue a casa del obispo, que lo encontró acompañado de su compañero fray Alonso, y de um buen Clérigo, y perdiendo el respeto por lo sagrado, le dió de puñaladas"*¹⁷⁵.

Assim foi a morte de mais este profeta da causa dos índios e da libertação dos excluídos das América em defesa das pessoas espoliadas pelos invasores da Civilização Ocidental Cristã.

3.4) JUAN DEL VALLE

Em terras da Colômbia encontramos no século 16 dois valentes e lutadores profetas: Juan del Valle e Agustin de la Coruña.

Juan, bispo de Popayán, foi um dos grandes profetas de nossa grande pátria a América Latina. Na Colômbia a violência contra os índios

¹⁷⁴ Carta de 1547, p. 261.

¹⁷⁵ Davilla, G. Gonzálves. *Teatro eclesiástico de La Primitiva Iglesia de Las Indias Occidentais I*. Madrid 1649. Ap. Dussel, 1983, p. 261.

assumiu características inigualáveis. E foi contra esta violência que a voz profética do bispo Juan se levantou e denunciou com todas suas forças para amenizar a opressão imposta sobre os povos indígenas.

Juan de Valle antes de vir para a Colômbia era professor Universitário de Artes na cidade de Salamanca, Espanha. O seu primeiro contato com a diocese se deu em Cali, visitando as pessoas e defendendo-as contra as atitudes dos colonos. Sempre denunciou às autoridades competentes os maus tratos, as torturas e mortes dadas aos índios pelos invasores. Na sua carta de 08/01/1551 escreve:

*"Hasta la hora de agora están los índios aún peor tratados que cuando entré en la tierra, porque el Licenciado Brizeño y sus compañeros han sido más conquistadores para destruir a los índios que jueces del Rey, de manera que parece esta tierra más tierra de Babilônia que de Don Carlos... que es cierto son más fatigados que los israelitas en Egipto"*¹⁷⁶.

E o bispo se queixa e diz que os conquistadores o tem como um dos piores bispos de Índias. Ainda assim, continua sua luta em defesa dos índios, emboa com *"muy gran peligro de su propia persona"*¹⁷⁷.

Juan del Valle convocou e celebrou dois sínodos de modo especial para junto de suas lideranças tratar da defesa da vida dos indígenas. Porém o soberano "Consejo de Índias, que "dominava o sistema político e religioso na América espanhola, proibiu que o bispo Juan del Valle realizasse sínodos, pois os dois primeiros defendiam o direito de os índios possuírem suas terras e proclamava o direito humano de os índios serem livres. Tudo isto

¹⁷⁶ Valle, Juan del. *Carta de 8 de enero de 1551*. Ap. Dussel, op. cit, p. 220.

¹⁷⁷ Dussel, ibid., 1983, p. 263.

feria frontalmente o Consejo de Indias no tocante aos propósitos dos conquistadores.

O profeta de Popayán, perseguido pelos colonos, desanimado pelos poucos resultados na construção da paz e dos direitos humanos, decidiu partir rumo à Espanha para se encontrar pessoalmente com as autoridades civis e religiosas e dizer-lhes que a situação dos indígenas na América era insuportável. Partiu, então, em 1559 com uma mula carregada de muitos maços de papel escritos para documentar e provar com fatos toda a triste realidade vivida pelos índios. Só em 1560 chega à Santa Fé de Bogotá e se apresentou à Audiência, às autoridades competentes. Estas porém, não lhe dão atenção, pois as acusações, as denúncias eram contra os encomendeiros. O profeta não desanima. Segue viagem rumo à Espanha, onde se dirigiu ao "Consejo de Índias" para falar de seus índios. O Conselho não recebeu com agrado suas denúncias. Então o Bispo-profeta, tendo em seu coração a vida de seus índios, partiu, corajosamente, com sua mula carregada de documentos denunciadores rumo a Trento onde a Igreja Católica celebrava seu Concílio. Lá diante do mundo católico, Juan de Valle queria que sua voz fosse ouvida e assim, quiçá, seus índios tivessem uma maneira digna de viver. E, assim, esperançoso, partiu rumo ao Concílio de Trento (Itália).

Saiu da Espanha e entrou no país da França. Mas cansado, abatido pelas intempéries morreu em lugar desconhecido no caminho que o conduzia ao Concílio de Trento. E, porque Juan del Valle foi o servidor dos índios, defensor de sua cultura, morreu solitário, desconhecido, em terras estrangeiras, com um número grande de documentos denunciadores contra as torturas e mortes que os espanhóis faziam contra os indígenas.

3.5) AGUSTIN DE LA CORUÑA

O substituto de Juan del Valle foi o continuador da obra de Juan del Valle, iniciada no ano de 1548. O continuador foi o bispo Agustín de la Coruña (1565- 1590). Ao tomar posse de sua diocese, inicia a visita às ovelhas maltratadas pelos colonos espanhóis e pelas autoridades civis. Nas suas visitas percebe a terrível situação em que vive seu rebanho e escreve: "*desde hace treinta y tres años que los españoles les beben a los índios su sangre*" (carta de 22/04/1567).

Sua voz profética foi abafada pelos colonos e pelo Rei da Espanha que o expulsa de sua Diocese desde 1570 até 1575. Agustín não se cala e lhe escreve:

“Por haberos servido y predicado guarden vuestras leyes justas(...) (e pergunta ao Rei) merezco andar desterrado? Temo condenarme porque están endurecidos los colonos en tantas crueldades que no las tienen por pecado, diciendo que en otras partes hay obispos y Audiencias y gobernadores y predicadores y Ordenes y lo ven y callan y que yo sólo clamo”¹⁷⁸.

O profeta desterrado pelo rei o enfrenta , afirmando sua postura contrária aos colonos que não se sensibilizam diante das crueldades cometidas contra os índios. E o profeta finaliza sua carta de 08/01/1551, dizendo que sua voz está solitária, e se sente sozinho e isolado, mas não demonstra sinais de desânimo ou cansaço: "*si no remedia esto, yo daré voces como acostumbro, aunque me tiren piedras*"¹⁷⁹. É interessante notarmos como os verdadeiros profetas não se intimidam. Não necessitam de licença para dizerem a verdade

Agustín como profeta-vencido, conseguiu voltar à sua Diocese-

¹⁷⁸ Coruña, Agustín de la. *Carta de 22/04/1567*. Ap. Dussel, op cit, p 263.

¹⁷⁹ Id. Ibid., p. 263.

Popayán-Colômbia. Porém, estando na catedral de Popayán, rezando missa, eis senão quando os conquistadores cristãos cheios de zelo pela conquista dos índios e de suas riquezas, entram na Catedral com cavalos; prendem o bispo e o levam à cidade de Quito, onde permaneceu até 1587¹⁸⁰. Dussel quando afirma que a Europa tornou as outras culturas, mundos e pessoas em objeto, coisificando o ser humano por ser outro, interpretado como sendo matéria bruta, massa rústica¹⁸¹.

Mais tarde La Coruña consegue voltar junto à sua diocese, onde morre em 1590.

3.6) FREI TOMÁS DE ORTIZ

Este frade veio para Santa Fé (Colômbia), em 1528. Foi também nomeado protetor dos índios. Quatro anos depois, 1532, regressou para a Espanha, pois, sua situação com as autoridades civis e encomendeiros se tornara insustentável. O governador García de Lerma havia dito: "*Que! Por qué habian ellos de sufrir protector ni o bispo en la tierra? Que lo achasen en navio sin velas*"¹⁸².

O governador Garcia detesta o Bispo Ortiz e deseja, ardentemente, se libertar de alguém que o incomodava, e que Ortiz fosse colocado num navio sem velas e fossem assim lançado em alto mar.

Numa de suas denunciadoras cartas de 1529, diz:

"En esta tierra hay más daño de que allá han informado, porque una cosa es oírlo y outra verbo. En esta entrada quedaron los indios escandalizados y alborotados y com odio a los hespañoles que si Dios no remedia, las furzas nuestras no bastan para sedar

¹⁸⁰ Ibid, p. 264.

¹⁸¹ Dussel, 1993, p. 36.

¹⁸² Id. Ibid., Ap. Dussel, op cit, p. 405.

ni mitigar su muy justa saña. La tierra por donde fue el gobernador quedo tan destruida, robada y assolada, como si el fuego pasara por ella. Vi que el Dios y la administración que les enseñan y predicán, es: dadme oro, dadme oro! Y tomando tizanes para quemar sus casas. Esto hacia el gobernador apeándose en cada pueblo"¹⁸³.

Dom Ortiz denuncia novamente a invasão ibérica e aponta as arrasadoras atitudes dos cristãos que escandalizam e amotinam os índios. Destroem a cultura, isto é, o modo de ver, sentir, falar, crer e agir dos nativos.

Ortiz caracteriza muito bem a destruição do Governador. Diz que onde passa o governador a terra ficou destruída, roubada e assolada como se tivesse acontecido um grande incêndio. E, a grande mensagem que transmitem aos índios é que querem ouro. Assim os índios sul-americanos e centro-americanos se convencem que o deus dos cristãos é o ouro, ao qual eles adoram. Muitos deles para sobreviverem fugiam para as montanhas; escondiam-se nas matas ou desesperançados, como nos relatam vários escritores e profetas, os índios suicidavam-se. As mães matavam seus filhos para que um dia não fossem dominadas pelos invasores.

3.7) CRISTÓBAL DE PEDRAZA

Mais um bispo que também assumiu a profecia em defesa dos povos vencidos foi Pedraza, que se tornou bispo de Honduras-América-Central de 1545 – 1583. Ele não tornou cúmplice pelos desmandos, matanças, roubos dos conquistadores. Como profeta denunciou os próprios bispos da Espanha que vivem e dormem bem, enquanto os bispos-missionários da América enfrentam as peripécias sanguinolentas. Na carta de 1º de maio de

¹⁸³ Ortiz, Tomás de. *Carta de 1529*. Ap. Dussel., op. cit, p. 235.

1547 diz: “*outra é a vida dos bispos de Castilla; dormem em boas camas de quatro colchões, de seda e cochinilha, ou passeando pela corte, visitando os mosteiros*”¹⁸⁴. Pedraza pede ao Rei que mande estes bispos para as províncias da América e verão o que é realmente fazer exercícios, ir de montanha em montanha, de serra em serra, de quebrada em quebrada, de rio em rio, de lamaçal em lamaçal, de mosquito em mosquito¹⁸⁵.

Pedraza descreve que os índios ao serem visitados por ele fogem. Isto porque os colonos encomendeiros disseram aos índios que se falassem ao bispo Pedraza sobre as torturas, trabalhos escravizantes etc., “*seriam enforcados, mortos e lançados aos cães*”. Nem por isto o bispo abandona suas ovelhas maltratadas e “atormentadas” pelos espanhóis.

E, o profeta passa a perguntar às autoridades da Espanha: “*No es acaso gran injustiça que por la fuerza deban los naturales estar en las casas de los españoles contra su voluntad siendo libres! Y que los maten a falor y a golpez y a coces y los amarren a palos como esclavos y que no tengan quien los proteja?* “E, ao concluir sua carta diz: “*Yo soy el Padre de los Indios*”(…) Também como profeta das américas revela o que tantos outros profetas denunciaram: *Desesperados los hombres como las mujeres, que se han ahorcado muchos de ellos.*

3.8) PABLO DE TORRES

Pablo de Torres, bispo do Panamá 1547-1554, em seus poucos anos na frente de sua Diocese tentou com todas suas energias contrapor-se às ciladas dos espanhóis contra os índios. Foi também ele, apesar de pouco tempo, um dos Profetas vencidos das Américas.

¹⁸⁴ Pedraza, Cristobal. *Carta de 01/05/1547*. Ap. Dussel, op cit, p. 262

¹⁸⁵ Id. *Ibid*, p. 262.

Destemidamente erguia sua voz e denunciava o clã dos encomendeiros violadores da dignidade e vida dos índios. Seguidamente excomungava a todos os que mereciam. Mas, a voz dos culpados, dos poderosos, das autoridades religiosas e civis lhe impuseram silêncio, o desautorizavam a proceder com excomunhões àqueles que maltratas se, torturassem ou matassem os índios. Os que mais resistência e autoridade usaram contra Torres foram o arcebispo Loaysa e o governador do Panamá. O próprio Arcebispo e o “Consejo de Índias”, sem conhecerem a realidade de opressão e matanças de mil e umas formas dos índios declaram que o bispo-Profeta é culpado pelas desordens do Panamá e é expulso do Panamá e remetido ao julgamento dos conselho de Índias lá na Espanha. Assim, Pablo de Torres foi arrastado às barras dos tribunais injustos deste mundo, tendo deixado seu rebanho sem pastor, entregue à sanha dos lobos vorazes em 1554. Com imensa tristeza deixou a Diocese sem ter podido defender a vida de seu rebanho e de ser levado como réu e por nunca mais ter podido voltar ao lugar de suas lutas em prol da vida dos indígenas.

Mais um profeta das Américas que foi vencido em seus ideais, na utopia cristã. Profeta acorrentado e levado injustamente às barras dos tribunais da Espanha sem direito à defesa. É interessante como os positivistas de ontem e de hoje não aceitam a hermenêutica libertadora-latino-americana e se arrojam o direito de ajuizar sobre os desmandos e injustiças do passado, pois, dizem que era mentalidade daquele tempo, pertencente ao direito natural.

3.9) TORÍBIO DE MOGROVEJO

Toríbio de Mogrovejo nasceu em Mayorca, Espanha, em 16/11/1538. Antes de ser nomeado arcebispo de Lima-Peru, foi inquisidor em Granada em 1574. Era muito simpático e de autoridade comunicativa. Era de uma exemplar prudência e fortaleza.

Foi consagrado bispo em Sevilha e em 1580 chegou à sua Diocese, Lima-Peru. Tinha apenas 43 anos de idade.

Toríbio percebeu logo as injustiças do sistema das “encomiendas”, porém não condenou o sistema, mas, tentou fazer reformas que pouco ou nada valeram para os índios. Também condenou os pesados tributos que oprimiam os índios. E, em suas visitas pastorais obrigava aos párocos e missionários devolver aos índios tudo o que lhes deviam. Com esta atitude, os índios ficaram muito contentes.

Porém, o Rei de Espanha e o “Consejo de Índias” manifestaram revolta para com ele por ter, escrito diretamente ao Vaticano fazendo denúncias contra determinados bispos e outras questões problemáticas. Nenhum bispo podia ter correspondência direta com o Vaticano por ferir diretamente a autoridade do conselho das Índias e do próprio Rei. Tudo isto por causa dos “Jus Patronatus que reduzia aos Bispos, abade, párocos das terras conquistadas a simples dependentes em todas as dimensões das autoridades civis e eclesiásticas da Espanha ou de Portugal. O próprio São Toríbio antes de vir para a América jurou fidelidade ao Rei de Espanha. Com este juramento aceitava o “Jus Patronatus” e conseqüentemente não dependia das autoridades do Vaticano. Ora, Toríbio viu-se na contingência de escrever diretamente a Roma e o fez sem pedir licença às autoridades governamentais. Estas, diante do fato de rebeldia e desobediência do grande profeta Toríbio, decidem acusá-lo perante os tribunais para ser julgado e condenado.

A dependência Igreja ao Estado aparece nítida neste episódio. Por este fato Dussel insiste em dizer que o “Ius Patronatus” escravizava a Igreja e todo aquele que se rebela contra o Estado, como fez Tosíbio, é arrastado às barras dos tribunais, é condenado ou expulso da América como subversivo e desobediente. E, a própria Igreja oficial excomunga quem infringir o “*Ius Patronatus*”. Recordemos aqui uma frase do Papa Nicolau V

que disse: seja excomungado todo o indivíduo ou coletividade que infringirem estas determinações¹⁸⁶.

Para que ocorresse o devido julgamento, o Rei Felipe II de Espanha escreve uma “Real Célula” com a data de 29 de maio de 1593, ao vice-Rei do Peru Mendonza em que pede que o arcebispo São Toríbio de Mogrovejo seja castigado:

“Lo embiaréis a llamar al acuerdo, y en presencia de la Audiência y sus ministros le daréis a entender que indigena cosa há sido a sua estado y profesion habes escrito a Roma cosas semejantes, ya que no es cierto que los obispos (tomen posesión en las índias de sus iglesias sin bulas”¹⁸⁷.

O arcebispo, quando ficou sabendo, encontrava-se longe de Lima e vinha realizando nas periódicas visitas aos desamparados e excluídos índios. Então, Toríbio, propositadamente desobedece às ordens do Rei e Vice-Rei e permanece 5 (cinco) longos anos longe de sua catedral, longe de seus acusadores. Foi um dos poucos bispos que realmente se inculturou na América espanhola. A história não nos aponta outro bispo ou arcebispo que se tenha rebelado contra a ditadura do “Consejo de Índias” e tenha se relacionado direta e publicamente com a Santa Sé.

São Toríbio de Mogrovejo, após 25 anos de lutas, de fracassos e vitórias, morreu na 5ª feira Santa de 1606, na choça de um índio, na última grande caminhada pastoral, no dia 23 de março de 1606, no vale de Pacasmayo.

¹⁸⁶ Bula Rex Regum de 1455.

¹⁸⁷ Felipe II. Real Célula de 29/05 1593. Ap. Dussel. Op. Cit. P. 264.

3.10) SÃO FRANCISCO SOLANO

Grande missionário e profeta da América espanhola. Missionou de modo especial entre os índios da Argentina, Chile e Peru. Sua característica foi a música. Junto a si sempre levava um violino que encantava os índios. Como profeta denunciava as injustiças, matanças de índios por parte dos cristãos- espanhóis.

Vidal de Battini deixou-nos o seguinte relato sobre São Francisco Solano

*“Num dia os ricos colonos convidaram a Solano para uma rica refeição. Os colonos ricos haviam sugado dos índios o sangue, o suor, as vidas. Estando à mesa com todos os convidados pôs-se de pé. Todos esperavam que abençoasse a comida. Porém, tomou um pão e apertou entre os dedos da mão e do pão saíram gotas de sangue dos humildes e oprimidos índios. Em seguida voltou ao convento. E, a história nos diz que todos os dias faz veementes pregações em defesa dos índios. Porém. Ninguém lhe tem feito caso”!*¹⁸⁸

4) O ELEMENTO RELIGIOSO COMO FATOR DE RESISTÊNCIA PARA OS PROFETAS VENCIDOS.

Em todas as narrativas históricas que elencamos neste capítulo, apresentando a força do testemunho histórico daqueles que enfrentaram todas as adversidades para se manterem na defesa dos povos ameríndios, podemos notar a contundência com que a recorrência à fé sustenta as funções proféticas. Justificados pela fé genuína religiosa, todos estes profetas

¹⁸⁸ Battini, B.E. de Vidal de. *Leyendas de San Francisco Solano*. Buenos Aires, 1965. Ap. Dussel. Op. cit. P. 588.

encontraram nela razões suficientes para entregarem suas existências em defesa dos povos que foram explorados pelos espanhóis, neste trecho de história que analisamos

Otto Maduro afirma que *“toda religião, qualquer religião, o que quer que entendamos por religião, é uma realidade situada num contexto específico: um espaço geográfico, um momento histórico e um meio ambiente social, concretos e determinados”*¹⁸⁹. E, nesta dimensão de ambiente social, Maduro reforça a idéia dizendo a religião não se isola, não é separada, mas é parte da vida de um povo. É expressão da coletividade e está estreitamente relacionada com o conjunto de vida social e com todas as outras dimensões da vida comunitária. Portanto, para o autor, *“toda religião é uma realidade socialmente situada”*¹⁹⁰.

Na América Pré-Colombiana, Maduro afirma que a religião estava entrelaçada com as dimensões econômicas, políticas, militares e de parentesco. Os índios tinham uma percepção fundamentalmente religiosa do mundo; a sua cosmovisão era singular e criavam uma dependência profunda do transcendente que os levavam a modos comportamentais diferenciados. Maduro nos apresenta também algumas características religiosas dos índios das Américas:

- a) percepção fundamentalmente religiosa do mundo;
- b) cada comunidade indígena tem um sistema religioso próprio;
- c) cada comunidade possui um grau mínimo de diferenciação social da atividade religiosa e também um mínimo de burocratização das práticas religiosas¹⁹¹.

Porém, entre os astecas, maias e incas, Maduro afirma existir um sistema religioso mais complexificado, pois também os modos de produção

¹⁸⁹ Maduro, 1981, p. 70.

¹⁹⁰ (Maduro, 1981, p. 71)

¹⁹¹ (Maduro, 1981, p. 85)

são mais diferenciados. Bourdieu afirma que a um maior grau de divisão social do trabalho coletivo correspondem simultaneamente possibilidades e exigências de um maior grau de divisão do trabalho religioso¹⁹². Por modo de produção entendemos a forma como um povo se organiza em relação aos recursos materiais acessíveis a fim de elaborar os bens que lhe permitem manter-se vivos e perpetuar-se. São as forças produtivas que determinam as relações de produção e que toda religião está situada num modo de produção específica e orientada por seu contexto social onde atua.

E, o modo de produção que Espanha e Portugal implantaram e impuseram nas Américas, possuía uma estrutura feudal econômica e religiosa. Ou seja, impuseram um sistema religioso monopolizador; uma acentuada burocratização das práticas religiosas e uma marcada diferenciação social das práticas religiosas. Nas Américas houveram reações ou resistências profundas, devido à iniciativa de modificação do modo de produção religiosa da comunidade indígena ser uma iniciativa emanada de fora da própria comunidade. Haveriam maiores resistências ainda se essa iniciativa fosse acompanhadas do intuito de modificar outros aspectos, como, por exemplo, o econômico, político, militar, lingüístico, educacional etc da vida da comunidades¹⁹³. Maduro afirma que houve apenas uma iniciativa de modificações e uma “violenta expropriação” pela força militar muito superior à força indígena, da produção religiosa que também sofreu sistematicamente a desqualificação por ser interpretada como “bruxaria”, inferiorizada e, assim, foi desprestigiada e perseguida.

Pierre Bourdieu também afirma que sempre se encontra nos povos vencidos a resistência. “*Na verdade*, diz Bourdieu, *a sobrevivência*

¹⁹² Bourdieu, Ap. Maduro, Op. Cit, p 85.

¹⁹³ Maduro, 1981, p. 123.

*constitui sempre uma resistência, isto é, a expressão da recusa em deixar-se desapropriar dos instrumentos de produção religiosos”*¹⁹⁴.

A religião além de oferecer uma resistência a todo o invasor que queira impor a sua religião e seus modos de produção, tem outra função de grande importância especialmente por parte dos dominadores, que é a função ideológica. Bourdieu diz que a religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e da legitimação do arbitrário. Em outros termos, a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe¹⁹⁵. Em nossa tese apresentaremos como os ibéricos se serviram da religião como um fator determinante para impor sua ideologia dominadora e conservadora da ordem e do poder do dominante.

Numa recorrência a Weber e Marx, Bourdieu afirma que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos dominantes e para “*domesticação dos dominados*”¹⁹⁶.

Durkheim diz que a “*religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos*”¹⁹⁷.

Bourdieu também afirma que toda religião monopoliza os bens da salvação, os bens religiosos através de um “corpo de especialistas religiosos”, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da

¹⁹⁴ Bourdieu, 1998, p. 45.

¹⁹⁵ Bourdieu, 1998, p. 46.

¹⁹⁶ Id. Ibid., p. 32.

¹⁹⁷ In Bourdieu, op. cit., pp. 33 e 34.

competência específica necessária à produção e reprodução dogmas (“*conhecimentos secretos*”¹⁹⁸). No entanto à medida em que os “funcionários” da Igreja Católica impõem-se perante à religiosidade indígena, ocorre a “*deterioração do capital tradicional, e em conseqüência, a pauperização religiosa e a separação simbólica entre o saber sagrado e a ignorância profana que o segredo exprime e reforça*”¹⁹⁹. Nas Américas, e de modo singular entre os maias, astecas e incas, nunca houve uma “pauperização” total ou “expropriação” radical de suas religiões, embora o aparelho religioso-católico fosse “*incumbido de assegurar a produção, a reprodução, a conservação e a difusão dos bens religiosos*”.

O “aparelho religioso” socialmente incumbido de reproduzir pedagogicamente os bens religiosos, segundo Maduro, é composto pelos “funcionários” (clero católico). Na América Latina ao se formar esse corpo de funcionários especializados na produção religiosa, a religião deixa de ser produto surgido diretamente do interesse das comunidades indígenas latino-americanas e cessa a autoprodução religiosa realizada em indissolúvel união com a atividade total das comunidades indígenas²⁰⁰.

¹⁹⁸ Id. Ibid., p. 39.

¹⁹⁹ Ibid. p. 40.

²⁰⁰ Maduro, 1981, p. 120.

CONCLUSÃO

Luigi Accattoli, no Encarte do Boletim da CNBB publicado em 26/06/97, aponta a existência de 94 textos de pedidos de perdão que o Papa João Paulo II faz em razão das culpas históricas da igreja que no decorrer dos dois milênios cometeu contra os mais diversos povos. E, o Papa João Paulo II não esquece as guerras justas e santas contra a Ameríndia, contra os negros escravizados de nosso continente. Foi extremamente vergonhoso a recusa de pedido de perdão em favor dos índios e negros do continente americano, feita pela maioria dos Bispos de língua castelhana em Santo Domingo. Este pedido de perdão-recusado foi feito pelos Bispos do Brasil. Assim como foi recusado o pedido de louvor à Índia Guatemalteca que ganhara o Prêmio Nobel da Paz: Rigoberta Menchu²⁰¹.

Foi vergonhoso para nós cristão, mas, muito mais humilhante foi para os Bispos reunidos durante a V Conferência do Episcopado Latino-Americano, que aconteceu em 1992, exatamente na cidade de Santo Domingo, pois naquela mesma semana, em Roma, o Papa João Paulo II pediria perdão em nome de toda a Igreja aos povos indígenas e negros de todo o continente Americano.

Por tudo o que foi visto neste nosso trabalho sobre os povos ameríndios e de modo singular dos povos astecas, maias e incas, inferimos que a hipótese levantada desde o começo de nossa caminhada foi suficientemente provada, isto é, que a invasão dos ibéricos em nossos continentes significou para os índios uma perda significativa de sua cultura, de sua religião. Ouvíamos de seus relatos o grito de dor, de angústia, de

²⁰¹ Sob a Coordenação de Paula Monteiro, foi publicada pela Ed. Vozes (Petrópolis, 1996), a obra *“Entre o mito e a história – o V Centenário do descobrimento da América”*. Nela, os autores tecem consistentes críticas aos 500 anos de “invasão” das Américas. No Boletim da C.N.B.B., do dia 26/06/1997 está a análise amplamente feita por Luigi Accattoli.

esmagamento de sua dignidade por meio da imposição de outra cultura e de outra religião. O que percebemos é que o direito da força, o direito da prepotência venceram a força do direito, da justiça e do respeito pela dignidade da pessoa humana. A pessoa do índio com sua cultura, com sua religião foram pisoteadas e desrespeitadas pelos eternos defensores da “civilização ocidental cristã”. Poderíamos fazer nossas as palavras de Dom Leônidas Proaño ao exclamar: *“que dar! que dar! cinco séculos de humilhação pesam esmagadoramente sobre os índios americanos!”*

Tudo isto, em grande parte, devemos atribuir à Igreja da Cristandade que veio para as Américas com uma mentalidade feudal-guerreiro-cristã impondo-se com sua cultura, com sua religiosidade e secundariamente propondo aos índios a religião cristã que é a religião do amor, do respeito à dignidade humana e de sua liberdade.

Não significa isto que detestemos a vinda do Evangelho para as Américas, mas o que lamentamos é o modo perverso como veio. Junto com o Evangelho veio a Espada, o vírus, a ganância pela riqueza que levaram à destruições milhões de milhões de vidas humanas.

Finalizando, podemos afirmar que, junto à Igreja da Cristandade, vieram também alguns defensores da vida dos índios que denominamos de profetas que sociologicamente contribuíram para que os povos vencidos da América encontrassem forças suficientes para se reerguerem diante de um sistema opressor e escravista que nestas terras se instaurou desde aqueles tempos.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AGUIAR, Francisco de – Fray. **Relacion Breve de lá conquista de Nueva España.** México-D.F., Ed. UNAM, 1.901.

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial Mito e Edeologia.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.

_____. **A Cristandade Colonial – Um Projeto Autoritário.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.

_____. **A Neocristandade – Num Projeto Restaurador.** São Paulo, Ed. Paulus, 1994.

BAPTISTA, Mariano. **Tiwanaku. Cochabamba – Bolívia.** Ed. Plata S.A. 1975.

BELLOTTO, Manoel Lelo e CORREA, Anna Maria Martinez. **A América Latina de Colonização Espanhola.** Ed. Hucitec, São Paulo, 1979.

BEOZZO, José Oscar. **Evangelização e V^a Centenário.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.

_____. **Luzes e sombras.** In: 500 Anos de Evangelização da América Latina. Petrópolis, Ed. Vozes, 1992.

BETTO, Frei. **Cristianismo e Marxismo.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado elementos para uma Teoria Sociológica da Religião.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. **Da Libertação – O Teológico das Libertações Sócio-Históricas.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

_____. **América Latina: Da conquista à Nova Evangelização.** São Paulo, Ed. Ática, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos (org.). **Inculturação e Libertação.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

CALIMAN, Cleto (org.). **América Latina: 500 Anos de Evangelização.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1990.

CASAS, Bartolomé de las. **História de las Índias.** V. II. México-DF. Ed. Fondo de Cultura Econômica, 1951.

_____. **Doctrina.** 4ª ed. México. D. F. Ed. UNAM, 1992.

_____. **Brevisima Relacion da la Destrucción da las Indias.** 3^a ed.
Barcelona-Espanha, Ed. Fontamara, 1991.

_____. **Los Indios de México,** D.F., Editorial Porrúa, 1982.

CASTILLO, Bernal Diaz del. **Historia de la Conquista de Nueva España.**
México, D.F., Ed. Porrúa, 1983.

CHIAVENATO, Júlio José. **As lutas do povo Brasileiro – Do
Descobrimento a Canudos.** São Paulo, Ed. Moderna LTDA, 1989.

COLL, Josefina Olívía de. **A Resistência Indígena.** Porto Aletre, Ed. Siglo
XXI Editores, 1974.

COMISIÓN, DE ESTUDIOS DE HISTORIA DE LA IGLESIA EN
LATINOAMÉRICA (CEHILA). **Bartolomé de Las Casas e Historia de
la Iglesia en América Latina.** Barcelona-Espanha, Ed. Nova erra, 1976.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** Trad.
Paulo Neves. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1996.

DUSSEL, D. Enrique. **Caminhos de Libertações Latino Americana.** Trad.
José Carlos Barcelos. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

_____. **História General de la Iglesia en América Latina.** Ediciones
Sigueme.

_____. **História da Igreja Latina Americana.** Trad. Eugenia Flavian. São Paulo, Ed. Paulista, 1986.

_____. **O Encobrimento do Outro.** Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993.

_____. **De Medellín a Puebla.** Trad. Luís João Joio. São Paulo, Ed. Loyola, 1982.

_____. Et alii. **A Voz das Vítimas.** Concilium / 232-1990/ 6. Petrópolis, Ed. Vozes, 1990.

_____. **El Episcopado Latino Americano la liberación de los Pobres 1504-1620.** México-DF, Ed. Reproducciones Fotomecánicas, 1978.

_____. Et alii. **Historia Liberatiónis – 500 anos de História da Igreja na América Latina.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1992.

FAVRE, Henri: **A Civilização Inca.** Trad. Maria Júlia Goldwaser. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor, 1972.

_____. **Os Incas.** Trad. Carmen de Souza Castro Amaral. São Paulo, Ed. Difel, 1974.

FOLLMANN, José Ivo. **Igreja, Ideologia e Classes Sociais.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

- GALEANO, Eduardo. **A descoberta da América.** Porto Alegre, Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.
- GENDROP, Paul. **A civilização Maia.** Trad. Maria Júlia Golwässer. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor, 1987.
- GIORDANI, Mário Curtis. **Historia da América Pré-Colombiana.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1989.
- GRIGULÉVICH, J. **La Iglesia Cactolica y el Movimento de Liberacion en América Latina.** Trad. Frederico Pita. Moscou, Editorial Progreso, 1984.
- GUERRERO, José Luiz. **Flor y Canto del Nascimento de México.** México, D. F. Ed. Alfa Offset, 1979.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Deus ou ouro nas Índias.* Ed. Paulinas, São Paulo, 1993.
- HAGEN, Victor W. Von. **Los Mayas.** Trad. Carlos Villegas. México-D.F. Ed. Joaquim Mortiz, 1996.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro. 1550-1800.** 2ª Ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.
- _____. **História do Cristianismo na América Latina e no Caribe.** São Paulo, Ed. Paulus, 1974.

- KEITH, Míriam e UREÑA, Marina. **Nuestra Señora de los Angeles Madre de um Pueblo**: Costa Rica. 2ª ed. San José (Costa Rica), Ed. Tipografia Trejos, 1985.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editora, 1986.
- LEWIN, Boleslao. **La Rebelión de Tupac Amaru**. Buenos Aires, Ed. Sociedade Editora Latino Americana, 1967.
- MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes**. Trad. Clarêncio Neotti. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981.
- MARX, Karl. **O capital**. Trad. Reginaldo San'Anna. 17ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1999.
- MEGGERS, Betty J. **América Pré-Histórica**. Trad. Eliana Teixeira de Carvalho. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1979.
- NESTI, Arnaldo et alii: **Sociologia da Religião**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1990.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e Dominação de Classe**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. Ed. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1976.

- PALÁEZ, Agustín Churrua. **Morelos el Insurgente**. S.N.T.
- PIMENTA, Efigênia e CARLOS, Aparecido. **Zumbi**. Belo Horizonte, Ed. Gráfica Litera Maciel, 1992.
- POMAR, Felipe Cossío del. **El mundo de Los Incas**. México, Ed. Fondo de Cultura Economica, 1969.
- POMER, Leon. **A América – História, Delírios e outras Magias**. Trad. J. Roberto da Silva Jr. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.
- PORTILLA, Miguel. **A Conquista da América Latina Vistas Pelos Índios**. Relatos Astecas, Maias e Incas. Trad. Augusto Angelo Zanatta. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.
- _____. **El Reverso de la Conquista**. México-D.F. Ed. Joaquín Mortiz, 1985.
- _____. **Visión de los Vencidos – Relaciones Indígenas de la conquista**. México, Ed. da UNAM, 1984.
- _____. **Fray Antón de Montessinos**. México, Ed. da UNAM, 1982.
- REZENDE, Maria Valéria. **Não se Pode Servir a dois Senhores**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.
- RODRIGUES, José Albertino e FERNANDES, Florestan. **Durkheim**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1998.

- SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. São Paulo, Ed. Moderna, 1985.
- SEGUNDO, Juan Luis. **Fé e Ideologia**. São Paulo, Ed. Loyola, 1983.
- SILLER, Clodomiro L. **Historia de Las Apariciones de la Santa Maria de Guadalupe**. México-D.F., Ed. Imprenta Venecia, 1981.
- SODI, M. Demetrio. **Las grandes Culturas de Mesoamérica**. México-D.F., Ed. Panorama Editorial, 1986.
- STEIN, Stanley J. e STEIN, Barbara H. **A Herança Colonial da América Latina**. Trad. José Fernandes Dias. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1997.
- SUESS, Paulo. **A Conquista Espiritual da América Espanhola**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1992.
- TACCHINI, Moisés Roberto et alii. **Historia da Evangelização na América Latina**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1999.
- VEGA, Garcilaso de la Inca. Lima, **Comentarios Reales**. Peru, Ed. La Confianza, S.D.
- _____. **O Universo Incaico**. Trad. Rosângela Dantas. São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

VENELU, Marcos Guedes et alii. **Canudos**. In: Religião e sociedade. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

WACH, Joaquim. **Sociologia da Religião**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo, Ed. Pioneira, 1999.

_____. **Sobre a Teoria das Ciências Sociais**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Ed. Moraes, 1991.

_____. **Conceitos Básicos da Sociologia**. São Paulo, Ed. Moraes, 1987.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa – As Religiões no Mundo**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1994.

WOLF, Eric. **Pueblos y Cultura de Mesoamérica**. Trad. Felipe Sarabia. México, Ed. Era, 1967.